

PROMETEU ACORRENTADO

Esquilo

Introdução: Ésquilo e o Prometeu acorrentado

EMBORA POSSAMOS PRECISAR o início dos festivais dramáticos atenienses em c.535 a.C., pouco se sabe sobre os primeiros tragediógrafos. Ésquilo foi o primeiro poeta trágico cuja obra foi poupada da ação do tempo e cuja biografia, ainda que mínima, pode ser esboçada. Nascido em Elêusis, povoado vizinho de Atenas, em 525 a.C., ele testemunhou os principais fatos da história ateniense: o fim da tirania, as reformas democráticas de Clístenes e as Guerras Médicas. Nestas guerras, consequência das invasões persas, lutou as famosas batalhas de Maratona (490 a.C.) e de Salamina (480 a.C.). Seu epítafio, cuja composição lhe é atribuída, ressalta apenas os feitos guerreiros, sem mencionar a poesia. É dessa forma que ele desejava ser lembrado pelas gerações posteriores.

Ares, o deus grego da guerra, também se faz presente no teatro de Ésquilo, como nota Aristófanes em sua comédia *As rãs*. Nessa peça, ao avaliar a poesia de Ésquilo e Eurípides, Dioniso, o deus do teatro, coloca seus versos na balança, declarando que a vitória caberia àquele que os tivesse composto mais pesados. Ésquilo vence, já que em seu drama abundam exércitos, armas e carros de guerra, enquanto os de Eurípides tratam das paixões, assunto mais leve, por imaterial. Piada à parte, batalhas são retratadas com grande vivacidade em *Os persas* e *Os sete contra Tebas*. Além destas duas, apenas outras cinco obras de autoria de Ésquilo chegaram-nos íntegras: *As suplicantes*, a *Oréstia* – trilogia composta das tragédias *Agamémnon*, *Coéforas* e *Euménides* – e o *Prometeu acorrentado*.

Ésquilo estreia nos concursos dramáticos por volta de 499 a.C., mas sua primeira vitória só seria conquistada em 484 a.C. Apesar de apenas essas poucas peças suas terem sido preservadas, a tradição atribui-lhe cerca de oitenta títulos e estima-se em vinte as vezes em que recebeu o primeiro prêmio, superando qualquer outro tragediógrafo. Seu prestígio rendeu-lhe o convite de Hierão I, tirano de Siracusa, para uma temporada em sua corte, destino dos maiores poetas daquele tempo. Lá reapresentou *Os persas* e estreou *As mulheres de Etna*, tragédia composta para celebrar a fundação da nova colônia aos pés do vulcão.

Ésquilo morreu na cidade de Gela, durante uma segunda visita à Sicília, em 456 a.C. Para homenageá-lo, os atenienses votaram nesse mesmo ano uma lei para permitir que suas peças pudessem ser reencenadas, sinal de grande consideração. Isso explica a provocação que Aristófanes põe na boca do poeta quando imagina o debate literário entre ele e Eurípides no mundo dos mortos, nas Rãs. Ésquilo queixa-se de estar em desvantagem por não poder invocar sua obra no Hades, uma vez que ela não morreu com ele, ao contrário da de seu rival.

Além de compor, Ésquilo também dirigiu suas peças e atuou nelas. Segundo Aristóteles, ele teria contribuído para o desenvolvimento do drama ao introduzir o segundo ator na tragédia, dotando-a de maior agilidade – até então o coro contracenava com um único ator, a quem competia encarnar personagens diversas. Também se atribui a Ésquilo a criação das trilogias. É sua, de fato, a única trilogia que possuímos hoje, a *Oréstia*. Trata-se de três tragédias interligadas tematicamente, de modo que o sentido pleno se consolidasse apenas com a encenação da última. Talvez seja essa a razão de algumas de suas peças remanescentes transmitirem certa sensação de incompletude. Os poetas posteriores continuaram a compor trilogias, mas na maioria das vezes abdicando do vínculo entre elas.

Também é de Ésquilo a única tragédia conservada que tem fundo histórico, *Os persas*. Considerado hoje o drama mais antigo remanescente, *Os persas* foi encenado em 472 a.C., oito anos após a vitória grega em Salamina, episódio do qual trata. Embora rara no repertório grego, a presença de tragédias históricas ao lado das de cunho lendário revela que a distinção entre história e mito, que para nós é tão natural, não existia então. Na Grécia, o mito era tido como o registro de um passado remoto e o presente era muitas vezes interpretado com base em categorias do mito, em que o tempo cíclico e manifestações do fantástico são admissíveis. Ainda assim não deixa de ser curiosa essa irrupção do presente no drama.

Prometeu acorrentado é uma tragédia de trama simples, cuja ação não contempla nem peripécia, nem reconhecimento. É patética, no sentido literal de privilegiar a exibição da dor, e episódica, já que a ação praticamente não evolui e cada personagem introduzido apenas ilustra a mesma questão de uma nova perspectiva. A princípio dois atores bastariam para encenar a peça, desde que no prólogo Prometeu, que só fala na segunda cena, fosse representado por um ator mudo ou por um boneco, vindo a ser substituído na sequência por um dos atores que incorporaram Hefesto ou Poder. Tanto o cataclisma final, com raios, trovões e rochas se desprendendo, quanto o transporte do coro em seu

carro alado devem ter sido difíceis de encenar, mas também contribuído para um espetáculo impactante.

Prometeu é um herói civilizador, que opera através da astúcia e nela rivaliza com Zeus. É protetor da humanidade, a quem, com o dom do fogo, apresenta as artes e as ciências. Assim sendo, sua figura confina com a do trapaceiro (*trickster*) e encontra paralelos em divindades de outras mitologias, particularmente com o Enki mesopotâmico. O mito de Prometeu já havia recebido tratamento anterior na poesia grega em Hesíodo, tanto na Teogonia quanto em *Os trabalhos e os dias*. A versão de Ésquilo diverge em aspectos importantes. O tema do sacrifício, por exemplo, não aparece. Prometeu havia instituído o sacrifício como forma de regular a relação entre deuses e homens. Ao fazê-lo, buscou lograr Zeus, oferecendo sobre os altares os ossos recobertos da gordura dos animais sacrificados que, queimados, chegariam aos deuses como fumaça; aos homens caberia a parte mais substancial, a carne. Zeus, cuja astúcia é superior à de Prometeu, finge que não percebe a trapaça e pretexts a ofensa para punir os homens escondendo o fogo e condenando-os ao trabalho diário para garantir a sobrevivência. O segundo lance dessa disputa consiste no roubo do fogo por Prometeu, que o entrega aos homens para atenuar sua pena. Irritado, Zeus pune a humanidade com a criação da primeira mulher, Pandora, que se faz acompanhar por males diversos, que antes não assolavam a raça humana. Dentre esses males – doença, velhice, morte –, está a esperança, que na tragédia de Ésquilo é um dom de Prometeu aos homens.

Em Ésquilo, Prometeu atribui seu castigo única e exclusivamente ao seu amor pelos mortais, a quem dotara do fogo e das mais diversas artes, contra a vontade de Zeus, que desejava extinguí-los. É surpreendente também que se apresente como filho da titanide Têmis, a Lei, assimilada à Terra, divindade primordial no pantheon grego – na Teogonia, Prometeu tem por pais o titã Japeto e Clímene, uma das Oceanides. Talvez essa revisão pretenda promover o deus a um adversário mais temível para Zeus, uma vez que sua mãe Gaia/Têmis, “a mesma deusa, mas com nomes diferentes” (v.288), tem muito mais prestígio e autoridade entre os deuses. O fato é que a polarização entre os deuses é central na tragédia de Ésquilo, que pode ser vista como uma reflexão sobre o exercício do poder.

Salta aos olhos a representação de Zeus como tirano. Recém-investido no poder, ele reina com rédeas curtas, valendo-se mais da força do que da diplomacia para consolidar sua autoridade. Não é à toa que Poder e Força são seus auxiliares diretos. Prometeu, um aliado valioso na batalha contra os Titãs, cai em desgraça por não se submeter ao novo senhor. A punição é rápida

e amarga. Condenado a passar a eternidade aprisionado a rochas em meio a uma região desértica, o deus exibe seu sofrimento como forma de denúncia. Mas Prometeu se iguala a Zeus na inflexibilidade com que resiste a qualquer tentativa conciliatória. Vários dos personagens reconhecem que o deus erra ao se contrapor a Zeus soberano, numa obstinação e arrogância que beiram a loucura – é significativo o emprego de um vocabulário médico na peça, visando caracterizar o comportamento do herói como doentio. Assim, ele recusa a intermediação de Oceano, o conselho do coro e a intervenção de Hermes para se entender com Zeus e sucumbe à pena mais dura ao final da tragédia. Como nota o helenista inglês Winnington-Ingram, a teimosia de Prometeu é equivalente ao rigor de Zeus.¹

Apesar da imobilidade e do isolamento serem penas infligidas a Prometeu, ele raramente está sozinho em cena. Um desfile de personagens comparece diante do deus sofredor. É notável que, à exceção de Hefesto e Hermes, todos eles sejam descendentes de Oceano, o mais velho dos Titãs. Além deste deus, que representa a corrente marítima que contorna a terra, suas filhas Oceanides e sua neta, Io, são interlocutores de Prometeu. O próprio Prometeu seria filho de uma oceanide, para Hesíodo, e teria desposado outra, na versão de Ésquilo – talvez um deslocamento compensatório para a redefinição genealógica. É curioso o contraste que se estabelece entre esse deus cujo atributo é o fogo e as divindades associadas às águas – as Oceanides representam as fontes e os cursos de água. Há clara empatia da parte delas, que se condoem do sofrimento do deus, escolhendo até mesmo compartilhá-lo – o coro sucumbe voluntariamente com o herói, sendo então o veículo da catarse.

Hefesto e Hermes são deuses olímpicos, filhos de Zeus, e representam, portanto, a nova ordem. Ambos estão associados a Prometeu: Hefesto pelo atributo do fogo, que alimenta sua forja de ferreiro; Hermes por ser neto de Atlas, o irmão de Prometeu e, como ele, punido por Zeus. Em cena no prólogo e no êxodo, Hefesto e Hermes cumprem as determinações de seu pai, mas, enquanto o primeiro o faz contra vontade, compungido com o sofrimento de um semelhante, o segundo não se comove, revelando a face severa de Zeus.

Io é uma personagem à parte. Única mortal na peça, também é vítima de Zeus, ilustrando seus desmandos no plano mortal. Tomado de desejo pela jovem, Zeus a seduz e depois abandona às perseguições de Hera. Sob a forma de uma novilha, Io está condenada a vagar, alucinada, até alcançar a redenção

no Egito, por intermédio de Zeus, de quem gera um filho, Épafo. A constante movimentação de Io contrasta com a imobilidade de Prometeu, mas sua trajetória prefigura a dele, fadado também a se reconciliar com Zeus no futuro. A trégua entre os deuses será selada pelo fato de um dos descendentes de Io, Héracles, estar predestinado a libertar Prometeu de sua prisão.

O fato de Io ser a única mortal é uma peculiaridade do Prometeu acorrentado. Verdade que os deuses são importantes na tragédia grega, fazendo-se presentes em várias peças, mas é inegável que o fenômeno trágico está concentrado no homem, cuja fragilidade o torna presa de circunstâncias inelutáveis. Outra peculiaridade da peça é a polêmica envolvendo a sua autoria.

Por muito tempo considerada uma das tragédias mais antigas de Ésquilo, hoje Prometeu é tida como a última do *corpus* sobrevivente. O helenista Mark Griffith² a situa num intervalo de 65 anos, entre 479 e 415 a.C., o que por si só já pressupõe a discussão da sua autoria – a morte de Ésquilo é fixada em 456 a.C. O mesmo autor, num trabalho de fôlego, contesta a autoria com base em discrepâncias métricas e estilísticas, entre outros fatores. Uma solução para superar o impasse é datar a peça no final da carreira do poeta, posterior à *Oréstia*, quando já se faria sentir o impacto do teatro de Sófocles, cuja influência se nota na constituição do caráter inflexível do herói. Outra hipótese é a de que a tragédia tenha sido composta durante a última e fatal estadia de Ésquilo em Siracusa, para ser apresentada a uma plateia estrangeira, o que justificaria a maior coloquialidade do texto e a relativa simplicidade que assumem os cantos corais.

Algumas soluções da peça, entretanto, são inegavelmente de matiz esquiliano, como a oposição entre deuses novos e antigos, que se vê também na *Oréstia*. Isso suscitou a hipótese de que Ésquilo tenha deixado a peça incompleta e que ela tenha sido concluída por outro poeta. De qualquer maneira há hoje um consenso, especialmente entre os helenistas ingleses, de que o Prometeu não foi composto por Ésquilo, mas, à falta de outro candidato à sua autoria, a peça continua incorporada ao conjunto de sua obra e, portanto, na prática, está associada a ele, o que torna a discussão um tanto quanto irrelevante.

É preciso dizer que esta não era uma questão para os antigos, que nunca colocaram em dúvida a atribuição do Prometeu a Ésquilo. Os catálogos de suas obras registram quatro peças que trazem “Prometeu” no título: Prometeu acor-

2. Griffith, M. *The authenticity of “Prometheus Bound”*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 (1ª edição 1977). Griffith não foi o primeiro a defender essa hipótese, que remonta ao séc.XIX, mas certamente sua tese é a mais influente.

1. Winnington-Ingram, R.P. “Towards an interpretation of *Prometheus Bound*”, in *Studies in Aeschylus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

rentado (*Prometheus Desmotes*), Prometeu portador do fogo (*Prometheus Pyrphoros*), Prometeu liberto (*Prometheus Lyomenos*) e Prometeu botafogo (*Prometheus Pyrkaeus*). Essa última, um drama satírico, foi apresentada em 472 a.C., junto com *Os persas*. As demais teriam composto uma trilogia temática à maneira da *Oréstia*. A hipótese da trilogia ajuda a entender certas indefinições que pairam sobre nossa peça: o segredo que Prometeu mantém acerca da divindade que, unida a Zeus, daria à luz um filho capaz de destroná-lo; a ocultação do nome do descendente de Io fadado a libertar Prometeu; a enumeração da série de castigos que incidiriam sobre o deus, sendo que só o soterramento acontece em cena. Essas menções poderiam ser antecipações do que viria a ser tratado na tragédia subsequente, o *Prometeu liberto*, em que o deus, torturado pela águia que lhe bica diariamente o fígado, seria finalmente libertado de seu suplício por Héracles – quer por ter revelado a Zeus a identidade da deusa cuja boda lhe seria fatal, quer porque ela própria, a nereida Tétis, teria contado tudo a Zeus, dissipando o perigo. O *Prometeu acorrentado* ocuparia provavelmente a posição intermediária ou inicial da trilogia – sendo mais difícil imaginar o enredo do *Prometeu portador do fogo*.

Prometeu acorrentado sempre esteve entre as tragédias mais apreciadas da Antiguidade. No Brasil, teve várias traduções desde o século XIX, sendo que a inaugural teria sido feita a duas mãos por dom Pedro II e pelo Barão de Paranapiacaba, que teria posto em versos a versão em prosa do imperador.³ Mário da Gama Kury, cuja tradução o leitor acompanha a seguir, declarou que procurou manter em português a grandiosidade verbal que a peça tem no original, decorrente da condição divina das personagens, e que também buscou variar a métrica, alternando passagens em dodecassílabos com outras em decassílabos para acentuar as emoções.⁴

3. Para mais detalhes sobre esta e outras traduções do *Prometeu* no séc. XIX remeto ao artigo de Haroldo de Campos, “O *Prometeu* dos barões”, in G. de Almeida e T. Vieira. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p.231-53.

4. Kury, M.G. “Introdução”, in *Esquilo, Sófocles, Eurípides. Prometeu acorrentado, Ajax, Alceste*. Rio de Janeiro: Zahar, 6^a edição 2009, p.11. O texto que serviu de base à tradução do *Prometeu acorrentado* foi o editado por Gilbert Murray (Oxford: Clarendon Press, 1955).

PROMETEU ACORRENTADO

Época da ação: tempo mítico

Local: região desolada na Cítia

Primeira representação: incerta

Personagens

PROMETEU, um titã filho de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra), ou de Urano e Têmis

HEFESTO, deus do fogo

PODER } divindades auxiliares de Zeus

FORÇA }

CORO das Oceanides, filhas de Oceano

OCEANO, deus dos mares que circundam a terra

IO, filha do rei Ínaco, amada por Zeus e perseguida por Hera

HERMES, deus arauto dos deuses

Cenário

Ao fundo, um maciço rochoso. Entram PODER e FORÇA arrastando PROMETEU, seguidos por HEFESTO, mancando e levando seus instrumentos de ferreiro.

PRÓLOGO, Cena 1

[O prólogo se inicia com um diálogo, através do qual se expõem as diretrizes da ação. Hefesto, acompanhado por Poder e Força, entra em cena conduzindo Prometeu, a quem deve acorrentar aos penhascos por ordem de Zeus. A punição decorre de Prometeu ter roubado o fogo, prerrogativa divina, para beneficiar os homens. O cenário é a região desabitada da Cítia. Hefesto demonstra piedade por Prometeu, mas, exortado por Poder e temendo contrariar Zeus, procede ao acorrentamento do deus. Cumprida a tarefa, Hefesto, Poder e Força saem de cena. (v.1-114)]

PODER

Aqui estamos nós, neste lugar remoto,
marchando num deserto pelo chão da Cítia¹
onde nenhuma criatura humana vive.
Pensa somente, Hefesto, nas ordens de Zeus,
teu pai, e em acorrentar nestas montanhas
de inacessíveis píncaros um criminoso
com cadeias indestrutíveis de aço puro.
Ele roubou teu privilégio, o fogo rubro
de onde nasceram todas as artes humanas,
para presenteá-lo aos mortais indefesos.
É hora de pagar aos deuses por seu crime
e de aprender a resignar-se humildemente
ao mando soberano de Zeus poderoso,
deixando de querer ser benfeitor dos homens.

1. Região da Eurásia, em grande parte desabitada, entre o mar Negro (Ponto Euxino) e o mar de Azov (Palos Meótis), onde hoje se encontram a Rússia, a Ucrânia e a Geórgia.

HEFESTO

15 Aqui findou, Poder e Força, esta missão
atribuída a vós por Zeus; já a cumpristes
e nada mais agora vos retém aqui.
Quanto a mim mesmo, sinto que me falta o ânimo
para prender, usando a violência, um deus,
20 um imortal e, mais ainda, meu irmão,
nesta cume batido pelas tempestades.
De minha parte, devo encher-me de coragem
para a missão, pois negligenciar as ordens
de um pai é falta cuja punição é dura.

Dirigindo-se a PROMETEU.

25 És muito audaz em todos os teus pensamentos,
filho da sábia Têmis,² e contrariando
as minhas intenções e as tuas vou pregar-te
nesta isolada rocha, longe dos caminhos,
com elos inflexíveis de aço indestrutível.
30 Aqui não poderás ouvir a voz dos homens
nem ver a imagem deles e, sempre queimado
pelo fogo inclemente do sol flamejante,
terás a flor da pele escura e ressecada;
por toda a eternidade verás com alívio
35 a noite recobrindo a esplendorosa luz
com seu imenso manto repleto de estrelas,
e por seu turno o sol evaporar na aurora
o orvalho gélido, sem que a pungente dor
de um mal perenemente vinculado a ti
40 descuide-se de corroer a tua carne,
pois teu libertador ainda não nasceu.
Eis tua recompensa por haver querido
agir como se fosses benfeitor dos homens.
Deus descuidoso do rancor dos outros deuses,
45 quiseste transgredir um direito sagrado
dando aos mortais as prerrogativas divinas;

2. Filha de Urano e Gaia, uma das Titanides, Têmis é a deusa identificada com a Justiça e com a instituição dos oráculos. Desposada por Zeus, com ele gerou as Horas e as Moiras, entre outras divindades. Apenas Ésquilo lhe atribui a maternidade de Prometeu, o que contribui para elevar o estatuto deste que ousa se contrapor ao maior dos deuses do panteão grego, dando credibilidade às suas previsões sobre a queda de Zeus.

e como recompensa permanecerás
numa vigília dolorosa, sempre em pé,
sem conseguir dormir nem dobrar os joelhos.

50 Terás tempo bastante aqui para externar
teus gemidos sem fim e vãs lamentações;
é sempre duro o coração dos novos reis.

PODER

Agora ajamos sem demora e sem queixumes.
Não abominas o deus amaldiçoado
55 entre todos os deuses, que ousou entregar
teus privilégios aos efêmeros mortais?

HEFESTO

São fortes, muito fortes, os laços de sangue,
principalmente quando juntam-se à afeição.

PODER

Concordo, mas é menos temerário, Hefesto,
60 deixar de obedecer às ordens de teu pai?

HEFESTO

Tua ousadia iguala a tua crueldade!

PODER

Nossas lamentações não poderão salvá-lo;
não te fatigues gemendo por coisa alguma.

HEFESTO

Nossa missão é realmente detestável!

PODER

65 É inútil maldizê-la. Com toda a franqueza,
o teu ofício não é causa destes males.

HEFESTO

Ah! Se o céu permitisse, de qualquer maneira,
que esta missão coubesse a outra divindade!

PODER

Todos temos a sorte predeterminada;
70 a única exceção é Zeus, o rei dos deuses.
Somente ele é livre entre imortais e homens.

HEFESTO

Eu mesmo vejo e nada tenho a ponderar.

PODER

Então apressa-te a cravá-lo no rochedo.
Que Zeus não veja a tua hesitação aqui!

HEFESTO

75 Ele já pode ver-me com cravos nas mãos.

PODER

Põe a corrente nos pulsos deste rebelde;
depois usa o martelo e prende-o ao rochedo,
malhando logo com todas as tuas forças.

HEFESTO

Tudo está sendo feito sem qualquer descaso.

PODER

80 Malha mais forte! Aperta! Não deve haver folga!
Ele é capaz até de feitos impossíveis.

HEFESTO

Prendi um braço; ele não poderá soltá-lo.

OT2333H

PODER

Agora o outro! Vê se o pregas para sempre!
Ele deve ficar sabendo muito bem
que sua astúcia não se sobrepuja!

85

HEFESTO

Só ele pode censurar a minha obra.

PODER

Sem perder tempo, enfia resolutamente
no meio de seu peito, como te compete,
o dente muito duro deste cravo de aço!

HEFESTO

90 Sofro em surdina por teus males, Prometeu!

PODER

Hesitas e até gemes por um inimigo
de Zeus. Dou-te um conselho: deves ter cuidado
para não te queixares mais e por ti mesmo!

HEFESTO

Vês o que os olhos nunca deveriam ver!

PODER

95 Ele está tendo a sorte merecida. Vamos!
Lança o cinto de bronze em volta de seus flancos!

HEFESTO

Sou constrangido a isto; não me dês mais ordens.

PODER

Tenho de dar-te outras. Não terás repouso.

Abaixa-te e ata à força os tornozelos dele!

HEFESTO

100 Pronto! Está feito e sem maior esforço meu.

PODER

Agora aperta ainda mais para que a peia
penetre em sua carne. O avaliador
do cumprimento de nossa missão é duro.

HEFESTO

Tuas palavras correspondem a teu físico.

PODER

105 Sê fraco, se te agrada, mas não me censure
se te pareço impiedoso e exigente.

HEFESTO

Partamos, pois seus membros estão todos presos.

PODER

Dirigindo-se a PROMETEU.

Sê insolente agora à tua maneira
e rouba aos deuses todos os seus privilégios
110 para entregá-los às criaturas efêmeras!
Que alívio poderão trazer-te os frágeis homens?
Chamando-te de Prometeu³ os deuses erram;

3. Prometeu significa “o que sabe (da raiz *math*, aprender, saber) antes (*pro*)”. Na tentativa de manter o trocadilho existente no original, Mário da Gama Kury aproximou Prometeu do verbo prometer. No texto grego o jogo de palavras se faz com o adjetivo *prometheus*, previdente.

vai procurar em outra parte quem prometa
livrar-te desta obra bem executada!

Saem o PODER, a FORÇA e HEFESTO.

PRÓLOGO, Cena 2

[Monólogo de Prometeu, que convoca os deuses a testemunhar o tratamento indigno que ele, deus, recebe da parte de um outro deus, Zeus. Reconhece que por ter o dom da previsão nada do que se passa é surpresa para ele, e que sabia ser esse o preço a pagar pelo favor prestado aos homens. Pressente a chegada do Coro, que se aproxima. (v.115-163)]

PROMETEU

Agitado.

115 Éter divino, ventos de asas lépidas,
água de tantos rios, riso imenso
das vagas múltiplas dos mares, Terra,
mãe de todos os seres, e tu, Sol
onívidente olho, eu vos invoco!
120 Notai os males que eu, um deus, suporto,
mandados contra mim por outros deuses!
Vede as injúrias que hoje me aniquilam
e me farão sofrer de agora em diante
durante longos, incontáveis dias!
125 Eis os laços de infâmia, imaginados
para prender-me pelo novo rei
dos Bem-aventurados! Ai de mim!
Os sofrimentos que me esmagam hoje
e os muitos ainda por vir constrangem-me
130 a soluçar. Depois das provações
verei brilhar enfim a liberdade?

Reanimado, depois de alguns momentos de silêncio.

Mas, que digo? Não sei antecipadamente
todo o futuro? Dor nenhuma, ou desventura
cairá sobre mim sem que eu tenha previsto.

135 Temos de suportar com o coração impávido
a sorte que nos é imposta e admitir
a impossibilidade de fazermos frente
à força irresistível da fatalidade.
Subjugam-me estes males todos – ai de mim! –

140 por ter feito um favor a todos os mortais.
Em certa ocasião apanhei e guardei
na cavidade de uma árvore a semente
do fogo roubado por mim para entregar
à estirpe humana, a fim de servir-lhe de mestre
145 das artes numerosas, dos meios capazes
de fazê-la chegar a elevados fins.
Agora, acorrentado sob o céu aberto,
 pago a penalidade pela afronta a Zeus!

Novamente agitado.

150 Ah! Que ruído, que perfume evola-se
de algum lugar oculto e chega a mim?
Vem ele de algum deus, ou de mortais,
ou de qualquer mistura de um e outros?
Vêm a este rochedo, fim do mundo,
155 contemplar os meus males? Ou então,
que desejam deste infeliz, de mim?
Vedes um deus desventurado, preso
por cravos de aço que o immobilizam,
detestado por Zeus, seu inimigo,
por haver amado demais os homens!

Atento.

160 Ouço perto de mim cantos de pássaros.
O claro éter responde silvando
a movimentos bruscos de asas rápidas!
Qualquer ruído estranho agora assusta-me.

Chega um carro alado a um rochedo próximo àquele onde PROMETEU está acorrentado, trazendo as Oceanides, que formam o CORO.

PÁRODO

[O párodo marca o ingresso do Coro em cena. O Coro, composto pelas Oceanides, vem testemunhar o sofrimento de Prometeu e prestar-lhe solidariedade. O deus revela que depende dele a continuidade do governo de Zeus, já que detém um conhecimento que pode preservar-lhe o poder. Contando com esse trunfo, Prometeu imagina uma futura conciliação com Zeus. (v.164-262)]

CORO

Nada receies, pois estão chegando
165 a esta solidão amigas tuas
trazidas, como vês, por asas céleres.
Nossas palavras afinal venceram
170 a vontade paterna, e ventos lépidos
trouxeram-nos depressa até aqui.
Os repetidos choques estridentes
175 do ferro sobre o ferro, penetrando
até o fundo de nossa morada
afastaram de nós a timidez
de nosso olhar pudico, e de pés nus
voamos para cá num carro alado.

PROMETEU

Ah! Descendentes da fecunda Têtis,⁴
vós, filhas do Oceano cujo curso,
imune ao sono, eternamente move-se
em torno da terra descomunal!
180 Vede, donzelas, observai os cravos
que me mantêm pregados a esta rocha
por cima de um precipício sem fim,
onde devo permanecer desperto
numa vigília que ninguém inveja!

CORO

185 Estamos vendo, Prometeu, e sobe
aos nossos olhos já cheios de lágrimas

4. Filha de Urano e Gaia, uma das Titanides, associada às águas salgadas, Têtis gerou uma vasta prole unida ao seu irmão Oceano. É preciso distingui-la da nereida Têtis, mãe de Aquiles, cuja união Zeus deve evitar sob pena de gerar um filho que o destronaria.

a densa névoa devida ao temor,
quando enxergamos sobre este penhasco
teu corpo cruelmente ressecado,
190 preso por estes elos infamantes.
Senhores novos mandam lá no Olimpo;
impondo novas leis Zeus já exerce
poderes absolutos e destrói
a majestade das antigas leis.

PROMETEU

195 Por que ele não me precipitou
nos abismos da terra, em profundezas
ainda mais remotas que as do Hades
acolhedor dos mortos, lá no Tártaro?⁵
Por que me expôs ao horrível contato
200 de laços nunca, em tempo algum desfeitos,
para que deuses e outras testemunhas
se deleitassem com minha agonia,
eu que, joguete de todos os ventos,
desventurado, sofro sem remédio
205 para alegria de meus inimigos?

CORO

Que deus seria tão cruel a ponto
de achar aqui motivos de alegria?
Quem não se indignaria, como nós,
com teu destino, à exceção de Zeus?
210 Com seu rancor, tornando sua alma
totalmente inflexível, ele quer
domar a raça de Urano⁶ antiquíssimo,
e em sua ira não se deterá
enquanto não conseguir saciar
215 seu coração, ou graças, finalmente,
a um golpe feliz, um outro deus

5. Um dos elementos primordiais da cosmogonia grega, o Tártaro remete à região mais profunda do universo, abaixo mesmo do Hades, onde os deuses derrotados eram encarcerados por toda a eternidade.

6. Primeiro deus soberano do panteão grego, representa o Céu. Nasce de Gaia, a Terra, a quem desposa e com quem gera os Titãs. Urano foi destronado por um de seus filhos, Cronos, que por sua vez será derrubado por Zeus.

tiver a sorte de se apoderar
desse trono difícil de ocupar.

PROMETEU

Deveis ouvir, então, meu juramento:
220 o dia há de chegar, sem qualquer dúvida,
em que apesar de eu estar humilhado
nestes grilhões brutais, o novo rei
dos imortais terá necessidade
de minha ajuda, se quiser saber
225 a sorte obscura que o despojará
de suas honrarias e seu cetro;
então, juro que nem os sortilépios
de uma eloquência feita inteiramente
de palavras de mel conseguirão
230 dobrar-me graças a encantamentos,
nem o terror de rudes ameaças
me fará revelar-lhe meu segredo,⁷
a não ser que ele mesmo já tivesse
desfeito as amarras impiedosas
235 e consentido em me pagar o preço
devido justamente pelo ultraje.

CORO

És destemido e nem sequer te abates
diante destes muitos sofrimentos
que te amarguram, e até te comprazes
240 em dar excessiva licença à língua.
Mas nosso espírito está inquieto,
pois um temor pungente dominou-nos
e estamos todas aterrorizadas
com teu cruel destino, quanto ao porto
245 onde pretendes ancorar teu barco
para ver afinal o termo incerto
desta viagem por demais penosa.

7. Em vários momentos da tragédia, Prometeu anuncia que detém um segredo que poderia custar o poder soberano de Zeus. Embora esse segredo não seja revelado no curso do drama, sabe-se que se trata da união com a nereida Tétis, desejada por Zeus, mas que geraria um filho capaz de destronar seu pai.

De fato, os meios usados por Zeus,
filho de Cronos, são inexoráveis;
250 seu coração é duro e insensível
e não conhece a conciliação.

PROMETEU

Sei que ele é intratável e feroz
e faz justiça com as próprias mãos;
mas com certeza chegará o dia
255 de ele afinal mostrar suavidade,
quando for atingido pelo golpe
a que me referi há pouco tempo.
Na hora inevitável, acalmando
a ira pertinaz, ele sem dúvida
260 aceitará minha amizade e ajuda,
pois também estarei impaciente
depois de sua longa intolerância.

1º EPISÓDIO, Cena 1

[A convite da Corifeu, a líder do Coro, Prometeu expõe as razões da perseguição de Zeus. Incapaz de convencer os Titãs a empregar a astúcia para derrotar Zeus e seus irmãos, Prometeu se aliara a estes últimos, sendo decisivo para que eles alcançassem a vitória sobre Cronos. Uma vez vitorioso, no entanto, Zeus passara a desconfiar de seus aliados e planejava destruir os mortais. Prometeu se opôs à ideia e, por amor aos homens, salvou-os dandolhes o fogo e a esperança. A fúria de Zeus se volta contra Prometeu. O Coro, embora apiedado, reconhece o erro de Prometeu. Ele convida as Oceanides a descer de seu carro alado e pisar o chão, postando-se ao seu lado, para melhor escutar sobre os males que ainda o aguardam. (v.263-380)]

CORIFEU

Revela-nos detalhes e responde logo
à minha primeira pergunta: qual a queixa
265 alegada por Zeus para te acorrentar
e infligir-te este ultraje ignominioso,
insuportavelmente amargo? Dize agora,
se a narração não for muito penosa.

PROMETEU

Falar-te disso é doloroso para mim,
mas calar-me também me causa muitas dores,
pois onde estou existe apenas desespero.
No instante mesmo de chegar a indignação
ao coração dos deuses, enquanto a discórdia
crescia entre eles – uns nutrindo a ideia
de expulsar Cronos de seu trono cobiçado
para que Zeus o sucedesse no poder,
outros lutando para que Zeus não reinasse
sobre todos os imortais sem exceção –,
achei conveniente dar conselhos sábios
aos divinos titãs, filhos de Urano e Gaia,
mas fui malsucedido. Desdenhando a astúcia
e preferindo a presunçosa força bruta,
em sua estupidez eles imaginaram
que não lhes custaria muito sofrimento
conquistar a vitória pela violência.

Quanto a mim mesmo, em várias oportunidades
minha mãe venerável – sim, Têmis ou Gaia
(a mesma deusa, mas com nomes diferentes) –
me revelara em vaticínios o porvir:
caberia a vitória a quem prevalecesse
não pela força e violência, mas apenas
pela suave astúcia. Tentei explicar
a meus irmãos titãs com fortes argumentos,
mas nenhum deles se dignou sequer de olhar-me.

Naquela conjuntura pareceu-me logo
que seria melhor ter minha mãe por mim,
tomando o partido de Zeus, que de bom grado
me recebeu como aliado. Só por isso
e graças a meus planos, hoje um negro antro
do Tártaro profundo oculta para sempre
o muito antigo Cronos com os seus prosélitos.
Eis os serviços que prestei naquele tempo
ao rei dos deuses, e dele recebo agora
a mais cruel das recompensas, como vedes.
Desconfiar até de amigos é sem dúvida
um mal inerente ao poder ilimitado.
Quanto à tua pergunta propriamente dita,
respondo-te: depois de sentar-se no trono
de seu pai Cronos, Zeus distribuiu aos deuses

310 os diferentes privilégios e cuidou
de definir as suas atribuições.

Mas nem por um fugaz momento ele pensou
nos mortais castigados pelas desventuras.
O seu desejo era extinguir a raça humana
a fim de criar outra inteiramente nova.

315 Somente eu, e mais ninguém, ousei opor-me
a tal projeto impiedoso; apenas eu
a defendi; livrei os homens indefesos
da extinção total, pois consegui salvá-los

320 de serem esmagados no profundo Hades.⁸
Por isso hoje suporto estas dores cruéis,
dilacerantes até para quem asvê.

325 Por ter-me apiedado dos frágeis mortais
negam-me os deuses todos sua piedade
e estou sendo tratado de modo implacável,
num espetáculo funesto até a Zeus!

CORIFEU

Em minha opinião, quem não se revoltasse
com tua imensa desventura, Prometeu,
teria um coração de pedra ou de ferro.

330 Quanto a mim mesma, eu teria preferido
nunca presenciar este triste espetáculo,
pois vendo-o minha alma se condói e sofre.

PROMETEU

Comove a visão que ofereço a meus amigos.

CORIFEU

Foste mais longe ainda em tuas transgressões?

PROMETEU

335 Fui, sim, livrando os homens do medo da morte.

8. Região subterrânea que abriga os mortos e é governada pelo deus de mesmo nome.

CORIFEU

Descobriste um remédio para esse mal?

PROMETEU

Pus esperanças vãs nos corações de todos.

CORIFEU

Assim agindo, deste-lhes grande consolo.

PROMETEU

Inda fiz mais: dei-lhes o fogo de presente.

CORIFEU

Então o fogo luminoso, Prometeu,
está hoje nas mãos desses seres efêmeros?

PROMETEU

Com ele aprenderão a praticar as artes.

CORIFEU

Foram essas as queixas que levaram Zeus...

PROMETEU

...a infligir-me este tormento sem alívio!

CORIFEU

Teu infortúnio não terá limite, então?

PROMETEU

Nenhum; tudo depende dos caprichos dele.

CORIFEU

De que resultam seus caprichos? Inda esperas?

Não percebes que erraste? Tens noção do erro?

Eu não teria a mínima satisfação

350 em dar-te a minha opinião, e se a ouvisses
por certo sofrerias com minhas palavras.
Mas já falei demais; procura qualquer meio
de te livrares desta provação, coitado!

PROMETEU

Dirigindo-se a todo o CORO.

Mas, para quem não sente em sua própria carne

355 todo este sofrimento, é fácil ponderar
e censurar. Eu esperava tudo isto;
foi consciente, consciente sim, meu erro
– não retiro a palavra. Por amor aos homens,
por querer ajudá-los, procurei, eu mesmo,
360 meus próprios males. Nunca, nunca imaginei,
porém, que minhas provações implicariam
em ressecar-me para sempre nestas rochas
e que teria por destino ficar só
neste cume deserto para todo o sempre.

365 Sem lamentar demais minhas dores presentes,
convidou-vos a pisar neste chão de pedra
para melhor ouvir os meus males futuros;
assim sabereis tudo, do princípio ao fim.
Cedei à minha súplica! Compadecei-vos
370 de quem está sofrendo agora; a desventura
não discrimina; segue seu percurso errático,
pousando sobre uns e depois sobre outros.

CORO

Não fizeste um apelo, Prometeu,
a criaturas frias, relutantes.

375 Com pés ligeiros abandonaremos
o nosso carro aos ímpetos velozes
do éter, rota sagrada dos pássaros,

e desceremos neste solo áspero;
queremos conhecer teus sofrimentos
380 até o fim, sejam eles quais forem.

Enquanto as Oceanides do CORO descem do carro alado,
aparece o carro de OCEANO puxado por um grifo.⁹

1º EPISÓDIO, Cena 2

[Entra em cena Oceano, disposto a manifestar sua solidariedade para com Prometeu e aconselhá-lo a moderar a indignação e ceder diante do poder dos mais fortes. Isto feito, propõe intervir junto a Zeus em prol de Prometeu, que, no entanto, se mostra refratário a qualquer acordo. Oceano então parte, deixando Prometeu entregue a sua revolta e sofrimento. (v.381-520)]

OCEANO

Para vir hoje a teu encontro, Prometeu,
tive de percorrer uma longa distância,
trazido por este monstro de asas velozes,
sem brida, dirigido por minha vontade.
385 Fica sabendo que teus males me comovem.
O parentesco, em minha opinião, influi,
e muito, em nós, e ocupas a parte maior
no meio de meu coração. Perceberás
toda a sinceridade de minhas palavras,
390 pois desconheço todas as lisonjas vãs.
Anima-te! Indica-me qual o apoio
que posso oferecer-te, pois nunca terás
amigo mais sincero e certo que Oceano.

PROMETEU

Chegaste para ver também o meu suplício?
395 Ousaste, então, abandonar o rio imenso
ao qual deste o teu nome e as muitas cavernas

9. Oceano vem à cena num carro puxado por "um monstro de asas velozes", "pássaro quadrúpede": trata-se do grifo, animal fabuloso, híbrido de leão e de águia.

feitas nas rochas pela própria natureza,
para vir até esta região inhóspita
onde nasceu o ferro? Por acaso vens
400 para ser testemunha de minha desdita,
para te constrangeres com meus grandes males?
Observa bem este espetáculo pungente.
Eu, colaborador, eu, amigo de Zeus,
que o ajudei a instaurar-se no poder,
405 estou agora aqui, diante de teus olhos,
sofrendo esta agonia a que ele me sujeita!

OCEANO

Sim, estou vendo, Prometeu, e quero dar-te
o único conselho útil nesta hora,
por mais decepcionado que possas estar;
410 conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te
aos duros fatos, lança mão de novos modos,
pois um novo senhor comanda os deuses todos.
Se lhe diriges estas palavras cortantes,
Zeus pode ouvir-te, embora esteja entronizado
415 no mais longínquo e mais alto dos lugares,
e o rancor que te faz sofrer neste momento
em breve te parecerá mero brinquedo
nas mãos de uma criança. Pensa, infeliz!
Esforça-te por esquecer a tua cólera
420 e trata de livrar-te desses teus tormentos!
Estas minhas palavras talvez te pareçam
apenas velharias; seja como for,
recebes simplesmente a retribuição
às tuas falas muito altivas. Na verdade,
425 inda não aprendeste a mostrar humildade,
nem a curvar-te, como deves, e pretendes
somar a teus males presentes novos males.
Se tirares proveito de minha lição,
deixarás de espumar agrilhoado aqui.
430 Pondera que se trata de um monarca rude,
que não tem contas a prestar de seu poder.
Ainda mais: enquanto pretendo livrarte
dos sofrimentos que te abatem, aquieto-te,

dá uma trégua a teus discursos violentos.

435 Ignoras, tu, cujo intelecto é tão sutil,
que as línguas atrevidas recebem castigo?

PROMETEU

Invejo-te, Oceano, por ver-te seguro
depois de haver participado da revolta
e ousado tanto quanto eu; esquece já
440 teus bons propósitos; para de pensar neles
e vai embora logo; por mais que te empenhes
não poderás persuadir o novo rei;
ele se faz de surdo a quaisquer argumentos.
Sê cauteloso; poderão prejudicar-te
445 as tentativas que fizeres junto a Zeus.

OCEANO

Dás melhores lições aos outros que a ti mesmo;
julgo por fatos, e não por simples palavras.
Já vou partir de volta; não tentes reter-me.
Procurarei ter forças para obter de Zeus
450 a graça de livrar-te de teus sofrimentos.

PROMETEU

Sarcasticamente.

Muito obrigado! Nunca mais te esquecerei;
são persistentes tuas boas intenções.
Mas não te molestes por isso; teus esforços
para ajudar-me agora seriam inúteis
455 se realmente pretendias exercê-los.
Fica tranquilo e mantém-te sempre afastado
de minhas amarguras. Eu não gostaria
de ver reveses afligindo meus amigos
somente por causa de meus padecimentos.
460 Não; já sofro bastante com a má sorte de Atlas,
meu próprio irmão, que, para os lados do poente,
sustenta sobre os ombros a coluna imensa

erguida para separar o céu da terra,
fardo penoso para os braços que o levantam.

465 Senti também a piedade dominar-me
no dia em que vi o pobre filho da Terra
outrora morador nas grotas da Cilícia,
monstro terrível dotado de cem cabeças,
Tifeu fogoso, finalmente subjugado.

470 Soprando só terror pela boca espantosa,
ele desafiou sozinho os deuses todos;
saía de seus muitos olhos, em relâmpagos,
uma luz fulgurante que prenunciava
sua resolução de abater pela força

475 todo o poder de Zeus. Mas caiu sobre ele
o dardo sempre alerta do senhor dos deuses,
que apenas ele atira num sopro de fogo.
Do alto de sua jactância insolente
Zeus derrubou-o; atingido mortalmente

480 em pleno coração, ele viu sua força
ser reduzida a nada por um raio ígneo.
Com seu corpo estendido, inerte, ele jaz
perto de um estreito marítimo, esmagado
pelas raízes do alto Etna enquanto Hefesto,

485 de suas culminâncias, em seu ofício,
bate o ferro abrandado pelas brasas rubras.
De lá um dia correrão rios de fogo,
prestes a destruir com seus dentes selvagens
os campos planos da Sicília – tão grande

490 será a força do rancor efervescente
que, nos incandescentes dardos infalíveis
de uma devoradora tempestade fulgida,
Tifeu ainda exalará mesmo desfeito
em brasas pelo raio fogoso de Zeus!

495 Mas não és inexperiente e não requeres
minhas lições. Salva-te! É fácil para ti!
Quanto a mim mesmo, vou curvar-me ao meu destino
até Zeus mitigar o seu ressentimento.

OCEANO

Não sabes, Prometeu, que as palavras são médicos
500 capazes de curar teu mal, este rancor?

PROMETEU

Quando se percebe o momento em que é possível
enternecer o coração, e não se tenta
curar à força rancores que já são chagas.

OCEANO

Não tens meios de ver um castigo atrelado
à arrogância temerária? Esclarece-me!

505

PROMETEU

Perdemos tempo conversando ingenuamente.

OCEANO

Se isso é um mal, quero ser um doente dele;
Agrada-me parecer tolo por ser bom.

PROMETEU

Esta deficiência parecerá minha.

OCEANO

510 Tuas palavras soam como despedida.

PROMETEU

Receias que, lamentando minha desdita,
venhas a conquistar um inimigo novo?

OCEANO

O recém-entronado todo-poderoso?

PROMETEU

Sim, ele mesmo; não irrites o seu ânimo.

OCEANO

515 Sirva-nos de lição a tua desventura.

PROMETEU

Afasta-te daqui; mantém estes propósitos.

OCEANO

Já vou; teu conselho condiz com minha pressa.

Meu pássaro quadrúpede percorrerá
suavemente os ares com as asas largas
520 para chegar de volta ao conhecido abrigo.

Sai o carro de OCEANO. As Oceanides do CORO começam a cantar.

1º ESTÁSIMO

[As Oceanides lamentam a sorte de Prometeu e seu lamento espalha-se pelo mundo, alcançando a Ásia, a Europa e a Arábia, tomando conta do mar e do Hades. Também mencionam o castigo de Atlas, irmão de Prometeu, condenado por Zeus a sustentar sobre as costas a abóbada celeste. (v.521-561)]

CORO

Choramos o destino que te traz
a proscrição, sofrido Prometeu.
As lágrimas vindas de nossos olhos,
tão comovidas, cobrem, incessantes,
525 com suas ondas nossas tristes faces.
Eis os duros decretos pelos quais,
erigindo seus caprichos em leis,
Zeus quer impor aos deuses mais antigos
o seu império cheio de arrogância.

530 Destas paragens ermas já se eleva
um clamor de gemidos e seus povos
sofrem demais por causa da grandeza
e do prestígio mais velho que o tempo
roubados ao divino Prometeu
535 e a seus irmãos; todos os habitantes

das regiões mais próximas de nós
na santa Ásia, desesperados
com teus gemidos repletos de angústia,
mesmo sendo mortais sofrem contigo;
540 sofrem com eles as filhas da Cólquida,¹⁰
combatentes intrépidas, famosas,
e as bordas da interminável Cítia,
que ocupam os confins de nosso mundo,
em volta do Meótis estagnado;

OCEANO
UTTERMORR
GRASSO

545 e a floração guerreira lá da Arábia,
povo abrigado em suas cidadelas
construídas nos montes escarpados,
nas vizinhanças do remoto Cáucaso,
onde as populações mais belicosas

550 agitam sem cessar lanças agudas.
Vimos outro titã – Atlas divino –
preso por adamantinos grilhões;
dobrado sob o peso do alto céu,
ele geme ensurdecedoramente.

555 Como um longo lamento retumbante,
caem nos mares vagas sobre vagas;
os abismos ululam; as entranhas
do tenebroso Hades subterrâneo
respondem com estrondos sucessivos

560 e as ondas dos rios de águas sagradas¹¹
sussurram suas quedas dolorosas.

2º EPISÓDIO

[Prometeu detalha ao Coro de oceanides os benefícios que concedera aos mortais, a quem ensinou todas as artes e ciências. O Coro declara-se esperançoso de que um dia Prometeu possa voltar ao convívio de Zeus. Ele, no entanto, revela que ainda não é chegada a hora da reconciliação, mas reconhece que ela é possível e que a sua libertação reside no segredo relativo à permanência de Zeus no poder. (v.562-680)]

10. As filhas da Cólquida eram as Amazonas, tribo lendária de mulheres guerreiras que habitavam os limites do mundo civilizado – como é o caso da Cólquida, região ao sul do Cáucaso e a leste do mar Negro (onde hoje fica a Geórgia).

11. Aqueronte, Cócito, Pirlêgeton e Estige, rios situados no Inferno.

PROMETEU

Depois de um longo silêncio.

Não se deve conjecturar que meu silêncio
decorre de arrogância ou de maus sentimentos;
mas uma ideia me atravessa o coração

565 quando sou ultrajado de maneira ignobil:
quem concedeu, então, a esses deuses novos
todos os privilégios recém-outorgados?
Calo-me quanto a isto, porém já sabeis
o que eu poderia dizer-vos novamente.

570 Falar-vos-ei agora das misérias todas
dos sofridos mortais e em que circunstâncias
fiz das crianças que eles eram seres lúcidos,
dotados de razão, capazes de pensar.

Farei o meu relato, não para humilhar
575 os seres indefesos chamados humanos,
mas para vos mostrar a bondade infinita
de que são testemunhas numerosas dádivas.
Em seus primórdios tinham olhos mas não viam,
tinham os seus ouvidos mas não escutavam,

580 e como imagens dessas que vemos em sonhos
viviam ao acaso em plena confusão.

Eles desconheciam as casas bem-feitas
com tijolos endurecidos pelo sol,
e não tinham noção do uso da madeira;
como formigas ágeis levavam a vida

585 no fundo de cavernas onde a luz do sol
jamais chegava, e não faziam distinção
entre o inverno e a florida primavera
e o verão fértil; não usavam a razão
em circunstância alguma até há pouco tempo,

590 quando lhes ensinei a básica ciência
da elevação e do crepúsculo dos astros.
Depois chegou a vez da ciência dos números,
de todas a mais importante, que criei
para seu benefício, e continuando,

a da reunião das letras, a memória
de todos os conhecimentos nesta vida,
labor do qual decorrem as diversas artes.

Fui também o primeiro a subjugar um dia
600 as bestas dóceis aos arreios e aos senhores,
para livrar os homens dos trabalhos árduos;
em seguida atrelei aos carros os cavalos
submissos desde então às rédeas, ornamento
da opulência. Eu mesmo, e mais ninguém,
605 inventei os veículos de asas de pano
que permitem aos nautas percorrer os mares.
E o infeliz autor de tantas descobertas
para os frágeis mortais não conhece um segredo
capaz de livrá-lo da desgraça presente!

CORIFEU

610 Estás sofrendo um infortúnio degradante;
o teu espírito abatido se alucina
e como um médico carente de saber
que um dia adoece, já perdeste o ânimo
e não consegues descobrir para ti mesmo
615 a droga capaz de curar tua doença.

PROMETEU

Será inda maior o vosso pasmo, amigas,
quando ouvirdes o resto, os recursos, as artes
que imaginei. O mais importante de tudo:
não existiam remédios para os doentes,
620 nem alimentos adequados, nem os bálsamos,
nem as poções para ingerir, e finalmente,
por falta de medicamentos vinha a morte,
até o dia em que mostrei às criaturas
maneiras de fazer misturas salutares
625 capazes de afastar inúmeras doenças.
Também apresentei-lhes as diversas formas
da arte hoje chamada de divinatória.
Fui ainda o primeiro a distinguir os sonhos
que depois de passada a noite e vindo o dia
630 se realizam, e lhes expliquei os sons
repletos de presságios envoltos em trevas
e a significação dos caminhos cruzados.

635 Esclareci as muitas mensagens contidas
nos voos de aves de rapina – as favoráveis
e as agourentas – e os costumes delas todas,
o ódio entre elas, suas afeições
e suas aproximações no mesmo galho;
interpretiei também o aspecto das entranhas,
640 os tons que elas devem ter para agradarem
aos deuses a quem se costuma dedicá-las,
a superfície cambiante da vesícula
e do lóbulo hepático. Inda ensinei
a queimar os membros das vítimas votivas
645 envoltos em gordura e às vezes as vértebras,
para guiar os homens na arte sombria
de todos os presságios, e esclareci
os sinais emitidos pelas chamas lépidas,
até então cobertos pela obscuridade.
Eis minha obra. Até os tesouros da terra,
650 desconhecidos pelos homens – cobre, ferro,
além de prata e ouro –, quem lhes revelou
antes de mim? Ninguém, eu sei perfeitamente,
a menos que algum tolo queira gloriar-se.
Para ser breve, digo-vos em conclusão:
655 os homens devem-me todas as suas artes.

CORIFEU

Não vás, para favorecer a humanidade
além da conta, ser infeliz para sempre!
Tenho fundadas esperanças de que um dia,
livre destes grilhões, possas participar
660 do convívio com Zeus em condições iguais.

PROMETEU

Ainda não chegou a hora prefixada
pelas Parcas para a reconciliação;
somente após haver sofrido neste ermo
milhares de dores pungentes e outras tantas
calamidades, livro-me destas correntes.
665 O Destino supera minhas aptidões.

CORIFEU

E por quem o destino é governado? Dize!

PROMETEU

Pelas três Parcas e também pelas três Fúrias,¹²
cuja memória jamais esquece os erros.

CORIFEU

670 Os poderes de Zeus, então, cedem aos delas?

PROMETEU

Nem ele mesmo pode fugir ao Destino.

CORIFEU

O destino de Zeus não é ser sempre o rei?

PROMETEU

Não me interrogues quanto a isto; não insistas.

CORIFEU

Então encobres este segredo divino?

PROMETEU

575 Falemos de outro assunto; ainda não é tempo
de divulgar segredos desta natureza;
eles estão ocultos em trevas espessas.
Mantendo-os irrevelados, algum dia
(ninguém poderá dizer quando), finalmente
580 livrar-me-ei de meus tormentos infamantes.

12. As Parcas, designação latina para as Moiras, personificam a parte ou o quinhão que cabe a cada um na vida. São três irmãs, filhas de Zeus e Têmis: Átropo, Cloto e Laquesis. As Fúrias, equivalente latino das Erínias gregas, são divindades punitivas, castigando especialmente crimes no seio da família. Nasceram do sangue de Urano, castrado por Cronos, e também são três: Alecto, Tisifone e Megera. Nem mesmo os deuses podem escapar de seus desígnios.

2º ESTÁSIMO

[O Coro de oceanides roga que nunca lhe aconteça de ofender os deuses, pois agradá-los é a única maneira de desfrutar a vida. Prometeu não observa esse princípio e sofre em decorrência de sua aliança com os mortais, que, no entanto, não são capazes de ajudá-lo em sua provação e nem de se opor à vontade de Zeus. Por fim, o Coro pede que o deus reflita sobre suas palavras e o lembra de tempos mais felizes, como, por exemplo, de seu casamento com Ilesione (ou Hesíona), uma das Oceanides. (v.681-720)]

CORO

Queiram os céus que nunca o rei do mundo,
que Zeus jamais pretenda hostilizar-nos
com seu poder! Nunca nos esqueçamos
de convidar os majestosos deuses

685 para os santos banquetes e hecatombes¹³
perto do imenso curso paternal
do Oceano infinito onde moramos;
jamais deixemos livres nossas línguas
para pecarem, e que este princípio

690 resida eternamente em nossas almas
sem perder sua força em tempo algum!
É doce ver passar toda a existência
com o coração repleto de esperanças
entregues a delícias radiosas.

695 Mas vendo-te hoje aqui, dilacerado
por milhares de males, nós trememos.
Sem demonstrar temor ao grande Zeus,
tua vontade indócil preocupa-se
demasiadamente com os homens.

700 Vamos, amigo! Vamos, Prometeu!
Dize-nos logo: em que te favorecem
os teus favores aos pobres mortais?
Onde estão o socorro e o apoio
que eles te trazem? Não consegues ver
705 essa fragilidade imponderável
presente às vezes em sonhos obscuros,

13. Assim como os mortais, também as divindades secundárias, como as Oceanides, precisavam homenagear os deuses do Olimpo.

que tolhe os pés da cega raça humana?
 Nunca a vontade dos homens efêmeros
 violará a ordem prefixada
 710 pela vontade de Zeus soberano.
 Aprende isto olhando a tua ruína,
 mísero Prometeu! Com este coro
 outro bem diferente está pairando
 agora mesmo junto a nós aqui:
 715 o canto de himeneu que entoávamos
 outrora em volta do banho e da alcova
 de tuas bodas, no momento em que,
 sensível aos presentes recebidos,
 Ilesione,¹⁴ nossa irmã querida,
 720 subiu contigo ao leito nupcial.

Entra Io, em cuja fronte aparecem chifres de novilha.

3º EPISÓDIO

[Em suas errâncias, Io chega ao cenário do suplício de Prometeu sem saber direito onde está ou o que testemunha. Atormentada por picadas constantes, que atribui a uma vingança de Hera, delira e lamenta seus males, suplicando a Zeus que a mate de vez (v.721-61). Prometeu a reconhece e se apieda de seu sofrimento. Segue-se o relato em que Io, instada pelas Oceanides, suas tias, revela as provações pelas quais tem passado (v.830-99): os sonhos premonitórios enviados por Zeus, a expulsão da casa paterna por sugestão do oráculo, sua metamorfose em novilha, o tormento das picadas, as errâncias sem fim. Prometeu, por sua vez, cedendo ao apelo de Io, revela os sofrimentos que ainda aguardam por ela, mais uma vítima de Zeus (v.916-65; 1029-1072): a longa rota até cruzar o Bósforo¹⁵ e alcançar o Egito, encontrando amazonas, górgonas, grifos... Também relata sua trajetória pregressa, o fim de seus tormentos e o destino de seus descendentes (v.1078-1150): um deles, o não nomeado Héracles, libertará Prometeu. Novamente presa de delírios, Io deixa a cena. (v.1157-1169)]

14. Ilesione, ou Hesiona, como consta da maior parte das edições do texto, é uma oceanide que teria desposado Prometeu.

15. Bósforo significa literalmente “estreito da novilha”, imortalizando a passagem de Io.

10 Que terra é esta? Quem são estas moças?
 Quem vejo, castigado por tormentas,
 agrilhoado assim a uma rocha?
 Que crime expias quase morto aqui?
 725 Revela-me a que parte deste mundo
 – ai, infeliz de mim! – meus erros trazem-me.

Io recua aterrorizada.

Ai! O moscardo tornou a picar-me
 – pobre de mim! É o espectro de Argos¹⁶
 filho da Terra! Ai! Quanta desgraça!
 730 Afasta-o de mim, Mãe-Terra! Espanto-me
 vendo o pastor com seus olhos sem conta!
 Ei-lo avançando com seu olhar perfido!
 Embora morto, a Terra, sua mãe,
 não quer abrir seu seio generoso
 735 para ocultá-lo. Ele sai novamente
 das profundezas infernais, das trevas,
 para picar esta infeliz que sou,
 para forçar-me a caminhar, faminta,
 pelas areias onde o mar termina!

Io começa a correr em todas as direções, como se estivesse fugindo de Argos, que somente ela vê, e prossegue agitada.

740 Marcando bem o ritmo de meus passos,
 a cana harmoniosa¹⁷ com bocal
 feito de cera entoa sem parar
 uma canção insípida, monótona.
 Ai! Ai de mim! Para onde me levam
 745 os meus antigos erros? Mas, qual foi
 a falta que eu teria cometido,

16. Um ser monstruoso, de múltiplos olhos, encarregado por Hera de vigiar Io, impedindo seus encontros com Zeus. Como ela assumira a forma de uma novilha, chamará Argos de pastor (v.883). Zeus ordenou a Hermes que o matasse e libertasse a jovem. Ela, no entanto, parece acreditar que mesmo morto ele continua a persegui-la na forma do moscardo que a pica sem parar.

17. A siringe, uma flauta rústica usada por Hermes.

filho de Cronos, para me atrelares
a tantos sofrimentos – ai de mim! –
e para extenuar desta maneira
750 uma triste demente neste espanto
que a segue como se fosse um moscardo?
Queima-me com teus raios e relâmpagos,
oculta-me no âmago da terra,
dá-me aos monstros do mar como alimento!

755 Ouve, senhor! Atende à minha súplica!

Esta longa viagem sem destino
já me esgotou suficientemente
e não sei onde aprender a maneira
de me livrar de meus terríveis males!

760 Escutas as lamentações, ou não,
da virgem que tem chifres de novilha?

PROMETEU

Como não te ouviria eu, pobre mulher
que rodopias sem descanso perseguida
por um moscardo, tu, filha infeliz de Ínaco,
765 que há pouco tempo acalentavas com amor
o coração de Zeus, e agora, atormentada
pelo rancor de Hera, és sempre constrangida
a percorrer assim estes longos caminhos
que te estão conduzindo ao aniquilamento?

IO

770 Onde aprendeste o nome recém-dito,
o nome de meu pai? Responde logo
a esta desgraçada: quem és tu,
infeliz, para receber
a verdadeiramente infeliz,
775 para falar do mal vindo dos deuses,
que me atormenta e me fustiga sempre
com o aguilhão nesta loucura errática?
Ai! Ai de mim! Chego em saltos frenéticos,
impelida por fome torturante,
780 vítima da vingança insaciável

de Hera. Quem, entre os mais castigados,
enfrenta desventuras comparáveis
– ai, infeliz de mim! – às minhas próprias?
Vamos! Revela-me sem subterfúgios
785 os novos sofrimentos que me esperam!
Existe algum remédio, uma saída
para minhas torturas? Se os conheces,
dize sinceramente quais são eles!
Fala e instrui esta virgem errante!

PROMETEU

790 Satisfarei o teu desejo abertamente,
com a máxima franqueza, sem quaisquer enigmas,
abrindo a boca como se deve aos amigos.
À tua frente vês o titã Prometeu,
aquele que deu o fogo aos homens efêmeros.

IO

795 Ah! Poderoso benfeitor que apareceste
a todos os mortais, infeliz Prometeu!
Por que, se és bom, estás sofrendo tanto assim?

PROMETEU

Há pouco terminei definitivamente
os vãos queixumes sobre meus males enormes.

IO

800 Ainda me farás o favor esperado?

PROMETEU

Mas, que desejas? Saberás tudo de mim.

IO

Dize-me: quem te pôs neste rochedo íngreme?

PROMETEU

As mãos foram de Hefesto; a vontade, de Zeus.

IO

E de que faltas pagas desta forma o preço?

PROMETEU

805 Já te disse o bastante para esclarecer-te.

IO

Sim, é verdade, mas explica-me a razão
de minhas correrias sem destino e fim.
Quando virá a hora de livrar-me delas?

PROMETEU

É melhor ignorá-la do que conhecê-la.

IO

810 Suplico-te com veemência! Não me ocultes
as penas que ainda terei de suportar!

PROMETEU

Concordo; não sou avarento deste dom.

IO

Por que tardas, então, a revelar-me tudo?

PROMETEU

Não se trata de uma recusa por desdém;
815 receio apenas perturbar o teu espírito.

IO

Não tenhas preocupações demais comigo;
tuas revelações serão bem recebidas.

PROMETEU

Se queres, cumpre-me falar; e tu, escuta-me.

CORIFEU

Ainda não; dá-nos também satisfações;
820 desejamos primeiro conhecer seus males.
Fale-nos ela mesma de seus sofrimentos
intermináveis. Depois poderá saber
as novas provações ainda à sua espera.

PROMETEU

Dirigindo-se a IO.

825 Deves mostrar docilidade e complacência
em relação a elas, entre outras razões
por serem irmãs de teu pai. Chorar, gemer
sobre seus males, quando se deve arrancar
sentidas lágrimas de quem nos vai ouvir,
merece plenamente o tempo consumido.

IO

830 De modo algum eu poderia recusar-me.
Irei ouvir em uma exposição fiel
tudo que me pedistes. Mas ainda hesito,
envergonhada, em vos dizer sinceramente
de onde veio a tormenta armada pelos deuses
835 que, destruindo minha forma exterior,
desabou sobre mim – como sou infeliz!
Visões noturnas incessantes visitavam
meus aposentos virginais e com palavras
insinuantes davam-me estes conselhos:
840 “Por que insistes tanto, infortunada moça,

em preservar a virgindade quando podes
 ter o mais poderoso e maior dos esposos?
 As flechas ígneas dos anseios por ti
 feriram Zeus; ele deseja ardenteamente
 845 gozar contigo os prazeres oferecidos
 pela sagrada Cípris;¹⁸ não penses, criança,
 em mostrar-te indisposta à união com Zeus;
 muito ao contrário, parte logo para Lerna¹⁹
 e seus campos cobertos de tapetes de ervas,
 850 para as pastagens de carneiros e de bois,
 paternos bens, livrando assim o olhar de Zeus
 de seus desejos!" Estes sonhos me premiam
 todas as noites – ai de mim! –, até o dia
 em que ousei revelar a meu nobre pai
 855 os sonhos que sempre visitavam meu sono.
 Então ele mandou a Dodona e a Pito²⁰
 frequentes mensageiros seus com a missão
 de interrogar os céus e saber afinal
 o que ele deveria dizer ou fazer
 860 para ser agradável aos augustos deuses.
 Mas eles regressavam trazendo-lhe apenas
 oráculos ambíguos com obscuras fórmulas
 difíceis de concatenar e de entender.
 Depois de muito tempo Ínaco recebeu
 865 uma resposta inteligível, que o instava
 a me expulsar de minha casa e minha pátria,
 como se eu fosse um animal votado aos deuses,
 livre para vagar até o fim do mundo,
 se não quisesse ver um raio cintilante,
 870 solto das mãos de Zeus, pôr fim à nossa raça.
 Dócil aos vaticínios vindos de Loxias,²¹
 meu pai baniu-me e fechou para todo o sempre
 as portas do palácio à sua filha – a mim! –,
 embora nem eu mesma nem ele quiséssemos

18. Por receber culto em Chipre, Afrodite é designada pelo epíteto Cípris.

19. Região da Argólida, onde havia um lago no qual vivia a conhecida Hidra de Lerna, serpente monstruosa morta por Héracles.

20. Sedes de importantes oráculos gregos, associados a Zeus (Dodona) e a Apolo (Pito é o mesmo que Delfos), cuja sacerdotisa, encarregada das profecias, é conhecida por pítia ou pitonisa.

21. Epíteto de Apolo, deus da profecia.

875 (as rédeas de Zeus forçavam-no a agir
 contra sua vontade). Imediatamente
 minha razão e minhas formas se alteraram.
 Nasceram longos chifres em minha cabeça
 como vós mesmas podeis ver, e atormentada
 880 por um moscardo de longo ferrão agudo,
 num salto tresloucado fui em direção
 às águas doces das nascentes lá de Cercne
 e à fonte célebre de Lerna. Um pastor,
 cujo humor amargo nada amenizava,
 885 acompanhava-me sem nunca descansar,
 seguindo com seus muitos olhos penetrantes
 cada passo que eu dava. Um dia a morte alerta
 privou-o repentinamente da existência,
 e agora eu, alucinada a cada instante
 890 pelas picadas do moscardo, corro sempre,
 atormentada por esse aguilhão divino,
 banida de todas as terras a que chego.
 Ficastes conhecendo as minhas desventuras.
 Tu, Prometeu, se podes, dize por favor:
 895 que sofrimentos inda me serão impostos?
 Relata-os e não tentes, por piedade,
 reanimar-me com palavras inverídicas.
 Não pode haver no mundo mal mais repugnante
 que uma linguagem recoberta pelo engano.

CORO

900 Jamais atinjam-nos tais males! Basta!
 Nunca pensamos, Io infeliz,
 que tão estranhas narrações pudesse
 chegar um dia até nossos ouvidos
 – espanto, horrores, tantos infortúnios
 905 cruéis de ouvir e cruéis de sofrer,
 um aguilhão de fina ponta dupla
 diante do qual nossos corações
 estão gelados! Ah! O teu destino!
 Trememos vendo a tua desventura!

PROMETEU

910 Não demorastes a gemer e vos domina o terror súbito, mas tendes de esperar até saber o resto dos males de Io.

CORIFEU

Então deves falar; acaba a descrição. Os enfermos talvez prefiram conhecer 915 seus males claramente e com antecedência.

PROMETEU

Vosso pedido inicial foi atendido sem sacrifício meu; agora desejas – tenho certeza – ouvir de mim os outros males e os sofrimentos que terá de suportar 920 esta jovem mortal por vontade de Hera.

E tu, Io, sangue de Ínaco, retém minhas palavras em teu triste coração se queres conhecer o fim de teu caminho.

Partindo deste chão, caminha a princípio 925 em direção ao sol nascente e vai avante pelas longas planuras jamais cultivadas, até o dia em que chegares afinal aos citas nômades; eles levam a vida

em moradas de vime muito bem trançado 930 sobre suas carroças de rodas bem-feitas, tendo sempre nos ombros arcos poderosos.

Evita-os e fica longe dos penhascos onde soluça o mar quando chegares lá.

À tua mão direita verás os Calibos,²² 935 hábeis artífices do ferro; tem cuidado com esse povo avesso à civilização e hostil aos estrangeiros. Chegarás assim ao rio Hibristes,²³ cujo nome é verdadeiro; não penses em cruzá-lo (não seria fácil!);

22. Antigos habitantes da Ásia Menor.

23. O rio tem seu nome derivado do substantivo *hybris*, violência, arrogância.

940 avança em linha reta e chegarás ao Cáucaso, a mais elevada de todas as montanhas; é em suas vertentes que esse rio haure a fúria de suas águas. Transporás seus píncaros vizinhos dos distantes astros para seguir a rota com destino ao sul.

945 Lá afinal encontrarás o estranho exército das Amazonas sempre rebeldes aos homens; elas irão fundar um dia Temisciras, no Termodon, onde, fazendo frente ao mar, 950 poderás ver de perto a longa cordilheira do Salmidesso;²⁴ seus nativos numerosos são bárbaros ainda hostis aos marinheiros e se comprazem na destruição das naus. Guiar-te-ão as Amazonas como amigas;

955 atingirás assim nos estreitos umbrais do lago em cujas margens elas se reúnem o istmo da Crimeia; com o coração cheio de intrepidez, para continuar terás de atravessar o estreito Meótico.²⁵

960 E será sempre relembrada entre os mortais a história gloriosa de tua passagem por aquela terra distante, e a passagem por onde o mar se escoa ganhará o nome de estreito da novilha.²⁶ Fora da Europa, 965 já pisarás na Ásia, outro continente.

Dirigindo-se ao CORO.

Não vos parece, então, que o novo soberano de tantos deuses mostra em todos os lugares a sua prepotência em quaisquer circunstâncias?
Ele, que é um deus, impôs este destino errante 970 a uma indefesa mortal! Ah! Pobre virgem!
Tiveste o mais cruel dos pretendentes, Io, pois o que acabaste de ouvir – presta atenção! – não constitui sequer um rápido prelúdio.

24. Golfo no atual mar Negro.

25. Estreito do lago Meótis (ou Palos Meótis), o atual mar de Azov, ao norte do mar Negro.

26. "Estreito da novilha" é a tradução literal de Bósforo, estreito que liga o mar Negro ao mar de Mármore e, portanto, a Europa à Ásia.

IO

Ai! Ai de mim!

PROMETEU

975 Choras e muges novamente. Que farás
quando escutares teus malesinda por vir!

CORIFEU

Restam ainda outras penas a dizer-lhe?

PROMETEU

Melhor falando: um mar revolto de aflições.

IO

Ah! Que proveito me vem de ainda estar viva?

980 Por que demoro a me precipitar do alto
deste íngreme rochedo? Caindo nas pedras
livrar-me-ei de minhas dores incontáveis!
Antes perder a vida desastradamente
que sofrer lentamente ao longo de meus dias!

PROMETEU

985 Então, penas maiores te consumiriam
se fossem tuas estas minhas provações,
pois meu destino não me concedeu a morte.
Só ela me libertaria de meus males,
mas até Zeus cair de sua onipotência
990 não antevejo o fim deste cruel suplício!

IO

Poderá Zeus um dia cair de seu trono?

PROMETEU

Seria indizível a tua ventura
se ainda visses esse evento – penso eu.

IO

Não tenhas dúvida, pois Zeus é responsável
por todas estas aflições que estou sofrendo.

PROMETEU

Fica sabendo: sua queda ocorrerá.

IO

E quem lhe tirará o cetro de tirano?

PROMETEU

O próprio Zeus o perderá por vaidade.

IO

De que maneira? Dize-me, se for possível
1000 sem outros inconvenientes para ti.

PROMETEU

Ele se casará, mas há de arrepender-se.

IO

Bodas divinas ou mortais? Fala, se podes.

PROMETEU

Por que perguntas? Não é lícito dizer.

IO

Sua própria mulher o expulsará do trono?

PROMETEU

1005 Parindo um filho inda mais forte que seu pai.

IO

Não há recursos para mudar o destino?

PROMETEU

Nenhum senão Prometeu livre de grilhões.

IO

E quem te livrará para agir contra Zeus?

PROMETEU

Um de teus descendentes será capaz disto.

IO

1010 Mas, como, amigo? Um filho nascido de mim
um dia te libertará de teu suplício?

PROMETEU

Três gerações seguintes às primeiras dez.

IO

Não é fácil compreender teu vaticínio.

PROMETEU

Não queiras conhecer melhor teus infortúnios.

IO

1015 Não deves acenar com doces esperanças
para logo depois mudar e desdizê-las.

PROMETEU

Oferecer-te-ei um entre dois presentes.

IO

Mas, que presentes? Antes deixa-me admirá-los
e depois dá-me a regalia de escolher.

PROMETEU

1020 Ei-los; escolhe, então, o teu: devo dizer-te
exatamente o resto de teus muitos males,
ou quem será um dia o meu libertador?

CORIFEU

Concede-lhe uma destas graças; a segunda
é minha; não desdenhes os nossos pedidos.

1025 Revela a Io a sequência ininterrupta
de suas caminhadas sem pausa e sem fim.
A mim, dize quem será teu libertador;
eis áí meu desejo nestas circunstâncias.

PROMETEU

Se é este, de fato, o teu desejo ardente,
1030 não poderei negar-me agora a atender-te.
A ti, Io, direi primeiro as peripécias
desta tua corrida delirante e sem destino.
Inscreve-as nas plaquetas²⁷ de tua memória,
sempre fiéis. Depois de transpor o estreito
1035 que separa dois continentes, põe-te em marcha
para o levante, onde os passos do sol fulguram

27. Lâminas de madeira, em geral pinho, usadas como base para a escrita na Grécia antiga.

...²⁸ vencendo os estrondos do mar até o momento

de ver a planura gorgônea²⁹ de Cistenes,

refúgio das Forcides, três virgens antigas

1040 cujos corpos são semelhantes aos dos cisnes;

as três têm para todas apenas um olho

e um dente, e nunca foram vistas pelo sol

e nem pela lua crescente. Perto delas

estão as três irmãs aladas, ostentando

1045 seus mantos de serpentes, Gôrgonas horríveis,

terror de todos os mortais, que ninguém pode
olhar de frente sem morrer na mesma hora.

É esta a advertência que faço primeiro.

Mas além destes deves conhecer ainda

1050 outro portento também muito perigoso:

tem o maior cuidado com os cães de Zeus
e com seus bicos aguçados; são os grifos.

Resguarda-te igualmente do bando montado
dos arimaspos, criaturas de olho único,

1055 habitantes das margens de um famoso rio

– o Plúton – repletas de ouro. Tem cuidado!

Se não te aproximes deles chegarás
a uma região remota onde vive

um povo negro perto das águas do Sol,

1060 nas terras percorridas pelo rio Etíope.

Deves seguir por suas margens escarpadas
até o instante em que chegares à Descida,
lugar onde do alto dos montes de Biblos,
o Nilo aflui com suas águas sacrossantas

1065 e salutares. Ele te conduzirá

à região onde o destino inexorável
quer que seja fundada por ti mesma, Io,

uma colônia naquele país remoto.

Se te parece duvidoso algum detalhe,

1070 fala, para saberes com mais precisão.

Disponho neste ermo de tempo bastante,
muito mais do que eu mesmo quereria ter.

28. Nos manuscritos que conservaram as obras de Ésquilo, há uma lacuna neste ponto.

29. Os campos onde viviam as Górgonas, seres monstruosos.

CORIFEU

Se fores revelar-lhe ainda fatos novos
ou esquecidos desse percurso erradio,
1075 dize-os logo, Prometeu; se terminaste,
concede-nos a graça que já te pedimos.
Chegou a nossa vez (sem dúvida te lembras).

PROMETEU

Ela conhece agora o fim de sua marcha;
para saber que não ouviu palavras vãs
1080 de minha boca, meu desejo é mencionar
os males que ela suportou até agora;
falando assim, espero estar oferecendo
a garantia de uma narração verídica.

Dirigindo-se a IO.

Deixo de lado grande número de fatos
1085 para te revelar o fim de tuas andanças.
Tu viestes das terras planas dos Molossos
e das culminâncias de Dodona, onde ficam
o oráculo do grande Zeus da Tesprotia
e o seu assento e o prodígio inconcebível
1090 dos carvalhos falantes, que em palavras claras
e sem enigmas, te aclamaram como aquela
que deveria ser a esposa gloriosa
de Zeus onipotente (nada em tudo isso
é agradável à tua memória, IO?).

1095 Picada uma vez mais pelo cruel moscardo,
correste sem parar pela via costeira
em direção ao imenso golfo de Rea³⁰
de onde a tormenta que te envolve dirigiu
até este lugar tua corrida errática.

1100 Mas pelos muitos séculosinda por vir
esse mar confinado passará a ser
– fica sabendo exatamente – o golfo Iônio,
e seu nome relembrará a todo o mundo
tua passagem por aquela região.

30. O atual mar Adriático. Rea era uma das Titanides e mãe de Zeus.

1105 Ái está a prova de que meu espírito
percebe muito mais do que as coisas presentes.

Dirigindo-se ao CORO.

Dedicarei o resto de minhas palavras
a vós e a ela, voltando sobre as pegadas
de minhas narrativas já por vós ouvidas.

1110 Existe uma cidade chamada Canopo
na extremidade norte do país egípcio,
na própria foz do Nilo e num aluvião.
Lá, Zeus devolverá enfim tua razão,
pondos sobre teu corpo suas mãos calmantes
1115 pelo simples contato. E para relembrar
as circunstâncias em que Zeus o trouxe ao mundo,
o filho que terás será o negro Épafo;³¹
ele há de cultivar a região inteira
banhada pelo caudoso rio Nilo.

1120 Depois de cinco gerações, cinquenta virgens³²
– descendência de Épafo – aportarão
à revelia delas em Argos antiga
para escapar ao casamento com parentes
(seus primos). Desvairados por desejo intenso,
1125 iguais a gaviões ameaçando pombas
eles virão logo também, como se fossem
sôfregos caçadores em perseguição
a núpcias proibidas. Mas o céu atento
não lhes entregará as presas cobiçadas,
1130 nem a terra dos Pêlagos;³³ muito ao contrário,
vai sepultá-los, derrotados pela Morte
com feições femininas, cuja enorme audácia
vela durante a longa noite. Cada esposa
há de tirar a vida de cada marido

31. Recebe esse nome em virtude de ter sido gerado pelo toque (*epaphao*, tocar) de Zeus em Io.

32. São as filhas de Dânao que, seguindo seu pai, deixaram o Egito e aportaram em Argos para fugir à perseguição de seus primos, os cinquenta filhos de Egito. Como tentativa de reconciliação, celebrou-se o casamento entre os primos, mas Dânao entregou às filhas adagas com as quais degolaram seus maridos na noite de núpcias. A exceção foi Hipermnestra (ver nota 34). Ésquilo tratou desse mito na trilogia das Danaïdes, da qual faz parte a preservada As Suplicantes.

33. Os habitantes mais antigos da Grécia, estabelecidos na cidade de Argos.

1135 e nele tingirá de sangue o punhal fino.
Que tais amores caibam a meus inimigos!
Apenas uma,³⁴ inteiramente inebriada
pelo desejo de ser mãe, não quererá
matar no leito nupcial o companheiro,

1140 pois a sua vontade se comoverá.
Ela preferirá entre dois grandes males
que a chamem de covarde, e nunca de assassina,
criando em Argos uma linhagem real.
E basta. Para ser mais claro e mais completo
1145 seria necessária longa narração.

Dirigindo-se a IO.

Um detalhe, entretanto, deverás ouvir:
da nobre estirpe oriunda de teu leito
um dia nascerá o herói³⁵ que vergará
seu arco glorioso para me livrar,
1150 com o passar do tempo, destes sofrimentos.
É este o vaticínio que me revelou
minha mãe, Têmis, irmã dos titãs divinos.
Mas, quando e como ele se realizará?
Expor esses detalhes tomaria tempo,
1155 e tu – coitada! –, embora ficasses sabendo
de tudo desde agora, nada ganharias.

IO

Transtornada.

Ai! Ai! Pobre de mim! Que espasmo súbito,
que acesso delirante já me queima?
O ferrão do moscardo me transtorna
1160 como se fosse um aguilhão de fogo!
Meu coração espavorido salta
no fundo de meu peito sem parar!
Meus olhos rolam convulsivamente.

34. Hipermnestra é a única das Danaïdes que se recusa a matar seu marido, Linceu, na noite de núpcias, por desejo de tornar-se mãe.

35. O herói a que alude Prometeu é Héracles.

Lançada para fora do caminho
1165 por um sopro de raiva furiosa,
já não consigo dominar a língua
e mil pensamentos desencontrados
debatem-se desordenadamente
nas vagas de terríveis sofrimentos!

Io sai correndo desvairada.

3º ESTÁSIMO

[As Oceanides celebram o casamento entre seres de iguais condições (deuses com deuses, mortais entre si) e, evocando o exemplo de Io, rogam que nunca lhes aconteça atrair a atenção de Zeus ou de outro deus poderoso, cuja vontade é imperiosa, tornando a união fruto de sofrimento. (v.1170-1201)]

CORO

1170 Sim, era um sábio, um verdadeiro sábio,
o primeiro dos homens cujo espírito
pensou e cuja língua enunciou
que se consorciar estritamente
de acordo com a sua condição
1175 é realmente o bem maior de todos,
e que jamais se deve ter vontade,
quando se é apenas um artífice,
de unir-se a um parceiro presunçoso
por causa de sua grande riqueza
1180 e inebriado com sua linhagem.
Queiram os céus que nunca nos vejas,
divinas Parcas sem cuja vontade
nada na vida humana se consuma,
ocupando o lugar de esposa um dia
1185 no leito de Zeus todo-poderoso!
Jamais possamos experimentar
o abraço de um esposo divinal!
Trememos quando contemplamos Io,
a virgem sempre rebelde ao amor,
1190 sofrendo sem um momento de paz
por causa da perseguição de Hera.

Somente quem nos oferece núpcias
condizentes com nossa condição
não nos causa temor. Só desejamos
1195 que os grandes deuses não nos façam alvo
de seu olhar do qual ninguém escapa.
A escolha deles é como uma guerra
difícil de enfrentar, que nos promete
apenas desespero, pois nos faltam
1200 as mínimas condições de defesa.
A vontade de Zeus é irresistível.

ÊXODO, Cena 1

[Prometeu reitera que o reinado de Zeus tem os dias contados em virtude das bodas contratadas e que somente ele, Prometeu, pode evitar sua queda. Instado pelo Coro a moderar suas palavras contra Zeus, Prometeu redobra sua crítica ao senhor dos deuses, comprazendo-se com a possibilidade de seu declínio. (v.1202-1252)]

PROMETEU

Depois de longo silêncio.

Minha resposta é esta: há de chegar o dia
em que, malgrado a pertinácia de sua alma,
Zeus passará a ser extremamente humilde,
1205 pois os festejos nupciais já programados
custar-lhe-ão o fim do trono e do poder
com seu inevitável aniquilamento;
será então inteiramente consumada
a maldição de seu pai, Cronos, contra ele.
1210 E nenhum deus além de mim será capaz
de revelar-lhe com total clareza o meio
de conjurar o seu desastre e perdição!
Somente eu tenho a ciência do porvir
e o poder de evitar sua consumação.
1215 Depois, se ele quiser, troveje sem parar
fiondo-se no estrondo que satura os ares,
agitando nas mãos o dardo afogueado;
nenhum socorro o impedirá de despenhar-se

ignobilmente numa queda inevitável,
1220 tão formidável há de ser seu adversário
que a esta hora já começa a preparar-se,
prodigioso ser com quem a luta é árdua,
descobridor de um fogo muito mais potente
que os raios dele e de um estrondo colossal,
1225 capaz de sobrepor-se até ao seu trovão
(diante dele o próprio flagelo marinho
que abala a terra – sim, refiro-me ao tridente,
arma de Poseidon – voará em pedaços).
No dia em que afinal for atingido o alvo
1230 e tiver fim a minha longa provação,
Zeus ficará sabendo qual é a distância
imensurável entre reinar e servir!

CORIFEU

Queres fazer de teus desejos, Prometeu,
oráculos inexoráveis contra Zeus?

PROMETEU

1235 Digo o futuro e também digo o meu desejo.

CORIFEU

Inda devemos esperar para ver Zeus
prestando obediência às ordens de um senhor.

PROMETEU

E seus ombros recurvos suportando penas
mil vezes mais pesadas do que estas minhas.

1240 Não tens receios de dizer estas palavras?

PROMETEU

Que temeria quem não poderá morrer?

CORIFEU

E se ele te impuser suplícios mais cruéis?

PROMETEU

Imponha-os! Espero tudo contra mim.

CORIFEU

É sábio quem se curva diante de Adrásteia.³⁶

PROMETEU

1245 Bajula, adora o dono do poder! Implora!
A minha preocupação com Zeus é nula.
Que ele aja e reine como lhe aprouver
durante este curto período restante.
Sobra-lhe pouco tempo como rei dos deuses.

Vendo aproximar-se HERMES.

1250 Meus olhos veem o mensageiro de Zeus,
o servo do novo tirano. Com certeza
ele aparece para nos trazer notícias.

Impelido por suas sandálias aladas, HERMES pousa junto a PROMETEU.

36. Literalmente, “a inescapável”. Às vezes assimilada a Nêmesis, representa a justiça retributiva divina.

EXODO, Cena 2

[Hermes, a mando de Zeus, conclama Prometeu a revelar o segredo que ameaça seu poder. Prometeu recusa-se a fazê-lo, reiterando que, após a de Urano e a de Cronos, verá a queda do terceiro tirano celeste. Hermes adverte-o de que seu comportamento ocasionará castigos ainda maiores, mas ele se mostra irredutível, proclamando seu ódio aos deuses, sobretudo Zeus. As Oceanides tentam em vão convencê-lo a cooperar. Hermes anuncia o que aguarda o deus: o soterramento sob as pedras partidas pelo raio de Zeus, a águia que diariamente lhe comerá o fígado, o confinamento no abismo do Tártaro. Informa que também as Oceanides, caso não se afastem, serão vitimadas. Elas reafirmam sua lealdade a Prometeu e Hermes sai. Prometeu descreve os trovões e os raios que atingirão o penhasco, soterrando-o e ao Coro, e invoca o testemunho de Têmis, sua mãe, e do Éter para o tratamento indigno que sofre. (v.1253-1447)]

HERMES

Tu, o maior sofista,³⁷ o mais impertinente
entre os impertinentes, ofensor dos deuses,
1255 ladrão do fogo, escuta! Meu pai te dá ordens
para dizer-me agora: que bodas são essas,
transformadas por ti num medonho espantalho?
Por quem ele deverá ser precipitado
da altura máxima de seu poder imenso
1260 até as últimas profundezas da terra?
Não tentes recorrer a enigmas desta vez!
Chama cada uma das coisas por seu nome
e não me imponhas uma segunda viagem!
Não é esta a maneira de agradar a Zeus!

37. Termo empregado para caracterizar Prometeu. Originalmente é um sinônimo de *sophos*, “sábio”, qualidade que Prometeu reivindica para si ao longo da tragédia, contrapondo-a à tirania de Zeus, que se exerce pela força. Mas o momento em que a peça é composta, meados do séc.V a.C., e as conexões de Ésquito com a Sicília, de onde provêm vários sofistas, permitem pressupor uma referência aos “profissionais da sabedoria”, que se propunham a ensinar os jovens, sobretudo a arte da palavra, em troca de boa remuneração. Hermes estaria então denunciando o discurso inflamado de Prometeu como um truque de retórica. Eles também questionavam o conhecimento tradicional, em virtude do progresso das novas artes, o que, novamente, lembra a alegação de Prometeu de ter contribuído para o progresso da humanidade.

PROMETEU

1265 Há singular grandiloquência em teu discurso
e falaste num tom repleto de arrogância,
digna do moço de recados do deus máximo.
Sendo ambos jovens, exerceis um poder jovem,
e vos parece que morais num baluarte
1270 inacessível a todas as desventuras.
Mas eu mesmo já vi dois tiranos expulsos³⁸
de seu trono divino, e estes olhos meus
verão o terceiro dos reis, senhor de hoje,
também deposto em circunstâncias degradantes
1275 quando ele menos esperar. Eis a verdade.
Pareço-te medroso e prestes a tombar
covardemente diante dos jovens deuses?
Muito ao contrário, estou longe desse fim.
Retorna, então; percorre com igual presteza
1280 a mesma rota por onde chegaste aqui,
sem ter achado o que vieste procurar!

HERMES

Tuas maneiras imutáveis e inflexíveis
trouxeram-te a este ancoradouro de dores.

PROMETEU

Fica sabendo ainda: nunca eu trocaria
1285 minha desdita pela tua submissão.
Acho melhor ficar preso a este rochedo
que me ver transformado em fiel mensageiro
de Zeus, senhor dos deuses! Assim mostrarei
aos orgulhosos quão vazio é seu orgulho!

HERMES

1290 Ufanas-te da sorte a que fizeste jus.

38. Prometeu alude a Urano e Cronos, respectivamente avô e pai de Zeus, destituídos do poder por seus filhos.

PROMETEU

Ufano-me! Ah! Se me fosse dado ver
meus inimigos sendo ufanos deste modo
– e te ponho entre eles como um dos maiores!

HERMES

Acusas-me também por tuas desventuras?

PROMETEU

1295 Sou franco; odeio os deuses novos; eles devem-me
grandes favores e por causa deles sofro
um tratamento degradante e imerecido.

HERMES

Vejo-te delirante; estás muito doente.

PROMETEU

Doente? Admito, sim, se for indispensável
1300 adoecer para odiar os inimigos.

HERMES

Se tivesses vencido serias cruel.

PROMETEU

Ai! Ai de mim!

HERMES

Zeus desconhece desabafos como o teu.

PROMETEU

O tempo nos ensina enquanto vai passando.

HERMES

1305 Mas ainda não sabes mostrar-te razoável.

PROMETEU

Já sei, pois falo com um moço de recados.

HERMES

Nada pretendes revelar-me, creio eu,
do que meu pai deseja ter conhecimento.

PROMETEU

Crês que lhe devo muito para ser-lhe grato?

HERMES

1310 Pareces gracejar comigo em tuas falas
como se eu fosse ainda uma tenra criança.

PROMETEU

Não és uma criança ainda mais ingênuia
que qualquer delas se tens alguma esperança
de ouvir de mim respostas às perguntas dele?

1315 Não há ultraje nem astúcia pelos quais
Zeus possa convencer-me ainda a revelar
o que ele quer saber, antes de me livrar
destes grilhões adamantinos humilhantes!
Já que ele quis assim, deixe sobre meu corpo
as labaredas deste sol destruidor!

1320 Confunda Zeus o universo e o transtorne
cobrindo-o todo com a neve de asas brancas
ao som de trovões e de estrondos subterrâneos!
Nada, força nenhuma pode constranger-me
1325 a revelar-lhe o nome de quem deverá
destituí-lo de seus poderes tirânicos!

HERMES

Achas que esta linguagem serve à tua causa?

PROMETEU

A decisão já foi tomada há muito tempo.

HERMES

Digna-te, tresloucado, digna-te afinal
de raciocinar com mais acuidade,
agora que te esmagam estes sofrimentos!

PROMETEU

Fatigas-me desperdiçando meu esforço
como se pretendesse dar lições às ondas.
Não tenhas, mensageiro, a impressão de que,
335 desatinado com a decisão de Zeus,
eu me comportarei como se possuísse
coração de mulher e, querendo imitar
maneiras femininas, irei suplicar,
juntando as mãos, àquele deus que mais detesto,
340 para livrar-me destes grilhões infamantes.
Estou longe demais de uma atitude dessas!

HERMES

Em minha opinião, insistir em falar
seria uma longa conversa sobre nada.
Nem por momentos te comovem ou te afetam
1345 minhas claras exortações; muito ao contrário,
mordendo o freio, como se fosses um potro
noviço à sela, resistes fogosamente
à imposição das rédeas. Mas seu rancor
apoia-se na tua astúcia impotente.
1350 Nas criaturas que raciocinam mal
a cega obstinação pode menos que nada.
Pondera, então, se não consigo convencer-te:
um turbilhão, um vagalhão cheio de males
te envolverá – coitado! – inexoravelmente!
1355 Virá agora o cão alado, a águia fulva
que segue Zeus – conviva sem ser convidado,
presente o dia inteiro ao tentador banquete –,
e rasgará seu corpo todo ferozmente,

fazendo dele uma enorme posta de carne

1360 e se fartando na iguaria de seu figado!
Não esperes um fim para a tua tortura,
a menos que apareça por aqui um deus
disposto a te substituir no sacrifício,
e se ofereça a ir ao Hades, onde nunca
1365 penetra a luz, e ao Tártaro, profundo abismo.
Então questiona-te; já não se trata agora
de um simples espantalho, mas sim de palavras
pronunciadas com a máxima clareza.
Não mentem os lábios de Zeus onipotente,
1370 quando ele quer transformar em realidade
tudo que diz. Deves olhar em tua volta;
medita sem imaginar que a teimosia
pode ter o valor da reflexão sensata.

CORIFEU

Em minha opinião não faltam bons propósitos
à linguagem de Hermes; isto é evidente.
Ele te exorta a abandonar a obstinação
e a interrogar somente a reflexão sensata.
Concorda! Para o sábio o erro é humilhante!

PROMETEU

Novamente agitado.

Eu já sabia da mensagem dele
1380 para me inquietar, mas ser tratado
como inimigo pelos inimigos
não pode ser considerado infâmia.
Que a trança de fogo com dupla ponta³⁹
seja lançada contra mim! Que o éter
1385 seja logo abalado pelos raios
e pela fúria desenfreada
dos ventos indomáveis! Que seu sopro,
fazendo a própria terra estremecer,
venha arrancá-la com raiz e tudo

39. Isto é, o raio de Zeus.

190 de seus nunca abalados fundamentos!
Que a agitação dos mares com seu fluxo
impetuoso e ululante apague
no firmamento as rotas onde cruzam-se
os caminhos dos astros! Que depois,
195 num ímpeto final, lance-me Zeus
no tenebroso Tártaro profundo,
nos turbilhões da rude compulsão!
Só tenho uma certeza: ele não pode,
embora queira, infligir-me a morte!

HERMES

400 Ái estão, em suma, os pensamentos
e o modo de expressar-se dos dementes.
Inda faltam sintomas do delírio
nessas imprecações? E por acaso
ele tentou moderar a loucura?

Dirigindo-se ao CORO.

405 Tende cuidado, vós, Oceanides,
que vos compadeceis de sua sorte!
Afastai-vos depressa deste ermo
se não quiserdes que o fulgor fugaz
de um raio implacável vos atinja!

CORO

Dirigindo-se a HERMES.

410 Adota outra linguagem e enuncia
opiniões que possam convencer-nos.
Em tua falação torrencial
acabas de dizer certas palavras
intoleráveis; tentas incitar-nos
415 a cultivar agora a covardia?
De modo algum! Sofreremos com ele!
Sabemos odiar a traição;
detestamos também este defeito!

HERMES

Sede prudentes! Não vos esqueçais
1420 de minhas predições, e uma vez presas
do infortúnio, não vos lamenteis
de vossa sorte; não imagineis
que Zeus vos lança em desastre imprevisto.
Deveis dirigir as acusações
1425 contra vós mesmas. Estais advertidas:
não terá sido inopinadamente,
e sem aviso, que sereis colhidas
nas malhas finas, sem qualquer saída,
da rede inevitável do infortúnio,
1430 presas de vossa própria ingenuidade.

Sai HERMES; ouvem-se estrondos subterrâneos.

PROMETEU

Mas, eis os fatos, não simples palavras;
a terra treme, e também repercute
em seus abismos a voz do trovão;
em sinuosidades abrasadas
1435 já resplandece o raio; um ciclone
volteia e forma turbilhões de pó;
os sopros do ar lúcido se lançam
uns contra os outros e se digladiam;
os ventos já estão em plena guerra;
1440 o céu já se confunde com o mar.
Eis a rajada que, para espantar-me,
vem decididamente contra mim,
mandada por Zeus todo-poderoso.
Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter
1445 que faz girar ao redor deste mundo
a luz oferecida a todos nós!
Vedes a iniquidade que me atinge?

Entre relâmpagos, trovões e terremotos desaparecem PROMETEU
e as Oceanides do CORO.

FIM

Perfis dos personagens

PROMETEU: O Prometeu de Ésquilo apresenta algumas peculiaridades em relação à representação tradicional do deus, em especial ao que estabelece Hesíodo na Teogonia. Filho do titã Jápeto e da oceanide Clímene, Ésquilo lheribui por mãe Têmis, a Lei, assimilada a Gaia, a Terra, privilegiando essa descendência materna, pois o pai sequer é mencionado. Com a mãe, partilha dom da previdência, revelado já em seu nome, que significa “o que sabe (da iaz math, aprender, saber) antes (pro)”. Faz uso desse dom para prever o sofrimento futuro e a redenção, tanto os seus quanto os de sua contraparte humana, ambos exemplificando os desmandos e a crueldade de Zeus. Prometeu é ambíguo com relação a Zeus. Num primeiro momento, pensou ajudar os Titãs, como seus irmãos Atlas e Menécio, ambos punidos após a ascensão dos ovos deuses. Como seus conselhos foram ignorados, aliou-se a Zeus, sendo um dos responsáveis por sua vitória, mas não conquistou sua confiança. Os deuses se indisponem por causa dos humanos, que o novo senhor do Olimpo retende eliminar. Prometeu rouba então o fogo, atributo divino, e o entrega aos mortais, que assim conquistam uma certa independência em relação aos deuses. Como punição, será acorrentado aos rochedos do deserto da Cítia por toda a eternidade.

Ésquilo o apresenta como o grande benfeitor da humanidade, seu promotor e introdutor de todas as artes e ciências e, por outro lado, como um rebelde, que nutre um permanente estado de desconfiança e rancor contra as vivendas. Isso é bem visível na tragédia na forma como Prometeu se refere a Zeus e como se relaciona com Oceano e Hermes, recusando qualquer proposta conciliatória. Curiosamente demonstra maior afinidade com entidades femininas como a mãe, a quem recorda em vários momentos de sua aflição; as Oceanides, que compõem o coro trágico e que são suas parentes em virtude do casamento com uma delas, Ilesione (ou Hesiona); Io, a mortal perseguida por Hera em vista do desejo incontrolável de Zeus. Por se recusar a revelar um segredo que ameaçaria o poder de Zeus – um casamento que geraria um

filho capaz de destronar o pai, que assim cumpre com a tradição heródica, a antepassados Crono e Urano –, Prometeu sucumbe, ao final da tragédia, a punições ainda mais severas: é aprisionado pelas rochas que se desprendem da montanha atingida pelos raios de Zeus, com a promessa de, no futuro, ser presa de uma águia que diariamente lhe comerá o figado e de ser lançado ao Tártaro, região subterrânea em que eram aprisionados os deuses depostos. Prometeu, no entanto, prevê que um descendente de Io, cujo nome não revela – mas que sabemos por Hesíodo tratar-se do herói Héracles –, o libertaria séculos mais tarde, quando a ameaça ao governo de Zeus já teria sido afastada.

HEFESTO: O filho de Zeus e Hera, ou só de Hera na tradição heródica, é o deus do fogo e da metalurgia. Devido a sua habilidade com os metais é designado para conduzir Prometeu até o local de seu castigo, onde deve acorrentá-lo às rochas em que permaneceria por toda a eternidade. A escolha desse deus também se deve ao fato de o fogo, que Prometeu roubara dos deuses para dar aos homens, ser um atributo seu, como nota a personagem Poder em sua primeira fala. Embora não ouse contrariar as ordens de Zeus, Hefesto se compadece da sorte de Prometeu e lamenta ter cabido a ele executar missão tão penosa. É preciso que Poder o lembre a todo momento que não deve se furtar a cumprí-la. Sua atuação está restrita ao prólogo.

PODER: Kráatos, em grego, é um dos filhos de Estige, o curso de água que margia o mundo dos mortos, e, como tal, filho de Oceano. Lutou ao lado de Zeus e seus irmãos contra os Titãs e foi por ele recompensado. Na peça, Poder é a personificação do mando e da autoridade de Zeus. No prólogo, junto a Força e Hefesto, escolta Prometeu para sua prisão. É duro e incapaz de demonstrar compaixão pelo destino do deus, a quem vê como um transgressor que merece a punição recebida. Encarrega-se de garantir que Hefesto cumpra a missão que lhe foi atribuída, atando Prometeu às rochas.

FORÇA: Bía, em grego, é outro dos filhos de Estige e irmão de Poder. Personifica a violência, a força bruta. Como o irmão, é extremamente leal a Zeus. Personagem muda, impõe terror e respeito apenas com a sua presença, garantindo o cumprimento das ordens celestes. No prólogo, junto a Poder e Hefesto, escolta Prometeu para sua prisão.

CORO DE OCEANIDES: Filhas dos titãs Oceano e Tétis (não confundir com a mãe de Aquiles, filha de Nereu, que tem o mesmo nome). Representam os

iachos e as fontes de água. São as primeiras divindades a prestar solidariedade a Prometeu, permanecendo ao seu lado e sucumbindo com ele quando é soterrado por obra de Zeus. Sua simpatia pode ser explicada por Prometeu ser tradicionalmente filho de uma oceanide, Clímene, embora na peça de Ésquilo sua mãe seja Têmis, a Lei, uma das Titanides. Mas o parentesco com as filhas do Oceano também pode ser estabelecido por meio do casamento, já que o oráculo declara que o deus desposara Iléstone (ou Hesíone), sua irmã. Apesar da idade e da compaixão que demonstram em relação ao deus, o coro percebe sua desmedida e aconselha-o, em vão, a adotar um tom mais comedido e a ceder diante dos mais poderosos.

OCEANO: É o titã que representa o grande curso de água que circunda a terra. Homero o considera um deus primordial, a origem das demais divindades (*Ilíada*, XIV, 200 e 246). Na tragédia de Ésquilo seu papel é mais modesto. Ele é o pai das Oceanides e de todos os rios. Surge no primeiro episódio disposto a prestar solidariedade a Prometeu e persuadi-lo a moderar seu rancor contra Zeus, de modo que ele possa intervir em seu favor junto ao novo senhor dos deuses. Prometeu faz pouco caso das boas intenções de Oceano, a quem acusa de subserviência a Zeus. Oceano, então, parte sem alcançar seu intento, reconhecendo que Prometeu é caso perdido.

O: Filha de Ínaco, rio filho de Oceano e irmão das Oceanides, Io sofre as consequências de ter sido amada por Zeus. Entra em cena no terceiro episódio, sob a forma de novilha, depois de muito vagar pela terra perseguida por Hera e transtornada por um moscardo que lhe pica sem cessar. Única personagem mortal da tragédia, Io é apresentada por Prometeu como mais uma vítima de Zeus. A jovem se liga ao destino do deus não apenas pelo sofrimento que experimentam, mas porque caberá a um de seus descendentes libertar Prometeu de sua prisão, após matar a águia que lhe consumirá diariamente o fígado (embora não nomeado na tragédia, sabe-se por Hesíodo tratar de Héracles). Prometeu revela-lhe suas andanças futuras e sua redenção, no Egito, quando recuperará a forma humana e gerará um filho de Zeus, Épafro, o primeiro de uma vasta linhagem. Mas o seu presente é de sofrimento. Ela deixa a cena como chegou, presa de delírios e de dor.

HERMES: Filho de Zeus e de Maia, é neto de Atlas por parte de mãe e sobrinho-neto de Prometeu, mas, ao contrário de Oceano e suas filhas, não se comove com o sofrimento do deus. Tem, entre outras atribuições, a de transmitir as

mensagens dos deuses. Vem à cena ao final da peça para exortar Prometeu a revelar de uma vez por todas o segredo que ameaça a continuidade do governo de Zeus. Diante da recusa do deus em acatar a determinação divina, Hermes anuncia a Prometeu os castigos que Zeus pretende agregar à sua pena, culminando com seu encarceramento no Tártaro. Prometeu o destrata, considerando-o mero serviçal de Zeus, e insiste em sua revolta. Hermes deixa a cena antes do cataclismo que se abate sobre Prometeu e o coro, não sem antes apontar a sua desmedida que beira a insanidade.